

# Animatógrafo

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO



DEANNA DURBIN

é a favorita indiscutida do público português. Vamos vê-la uma vez pela primeira vez em «Primeiro Amor de Gata Borralheira» que as Filmes Alcatraz distribuem.

# as estreias DO Animatógrafo

«ANIMATÓGRAFO» VÊ SEMPRE AS FITAS ANTES DOS SEUS LEITORES. MAS VÊ-AS PARA LHES CONTA-ALGUMAS, EM IMAGENS E EM PROSA, PROPORCIONANDO-LHES ASSIM UMA ESTREIA, ANTES DE QUALQUER CINEMA

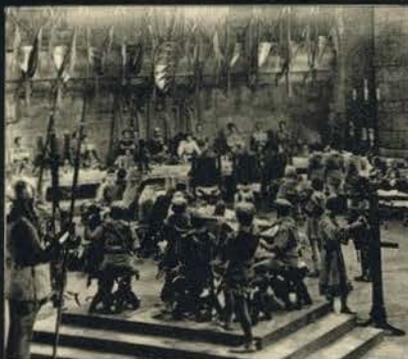
A. S. I. F.  
apresenta

## «AS AVENTURAS DE ROBIN DOS BOSQUES.»

Fotografado em Technicolor  
Direção de Michael Curtiz e William Keighley. Argumento original de Norman Reilly Raine e Seton I. Miller

Personagens:

Robin dos Bosques . . . . . ERROL FLYNN  
Marian . . . . . OLIVIA DE HAVILLAND  
Sir Guy of Gisbourne . . . . . BASIL RATHBONE  
Ricardo Coração-de-Leão . . . . . IAN HUNTER  
«Joãozinho» (Little John) . . . . . ALAN HALE  
João Sem-Terra . . . . . CLAUDE RAINS



Ricardo Coração-de-Leão julga ter chegado ao fim da sua gloriosa gesta, ao assinar a paz com Saladino — último e enredado acto da Terceira Cruzada. Ao atravessar a Áustria o Rei inglês cai nas mãos de Leopoldo, que exige por ele o resgate de 150.000 marcos.

João Sem-Terra (Claude Rains) vê, no cativo do irmão um excelente pretexto para se alçar ao trono. Entrega-se ao prazer das caçadas, torneios, pomposos banquetes — enquanto o povo geme sob o peso dos impostos lançados sob o pretexto de resgatar o rei generoso.

O usurpador apóia-se nos normandos para oprimir os saxões, fiéis a Ricardo. De entre aqueles escolhe seu valido Sir Guy of Gisbourne (Basil Rathbone), que é estrondosamente derrotado num torneio pelo saxão Sir Robin of Locksley (Errol Flynn).



A revolta alastra na Inglaterra. O ódio do desfeitecido valido recai sobre Robin que, provocado pelos barões normandos, jura vingança e junta-se a um bando de insurretos que se acoita na floresta de Sherwood sob a chefia do popular «Joãozinho» (Alan Hale).

Aqueles bravos, capitaneados agora por Robin, excedem-se em façanhas, assaltam o próprio valido quando este escoltava o produto das rapinas. Os prisioneiros pagam o resgate; Marian (Olivia de Havilland) segue-os, pensando: «vai-se o vulto do meu corpo, mas eu não...»

Sir Guy of Gisbourne só vive para a desforra. Sabendo da paixão de Robin em atirar, organiza com espanto um concurso de tiro ao arco. Robin não falta, embora disfarçado, mas o «velha reposa» normando não se deixa enganar — e aprisiona-o.



Robin vai a caminho da fôrca. «Joãozinho», à frente do seu bando, não está longe. A doce Marian, fiel à causa de Ricardo e aconselhada pelo coração, usando de ardil selva o cavaleiro sem temor, João Sem-Terra lança-a a ferros, pela nefanda cumplicidade.

Defrontando mil perigos, eis o cavaleiro aos pés de sua dama. Leva-lhe a certeza de seu amor e a grande notícia de ter aprisionado, com o bando de «Joãozinho», um homem que, ao ver-se entre gente fiel, desvendou o incógnito: — «Sou Ricardo Coração-de-Leão».

No sombrio Castelo de Nottingham, Marian é condenada à morte. Mas não quis Deus nem os fados que fosse executada. Enquanto o povo aclama o verdadeiro Rei (Ian Hunter), Robin mata em duelo o negregado Sir Guy. Glória ao Amor e à Valentia!

(Texto de António de Carvalho Nunes)

# Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTONIO LOPES RIBEIRO

PREÇOS DA ASSINATURA  
 Ano ..... 78500  
 Semestre ..... 39500  
 Trimestre ..... 19550  
 Distribuidores exclusivos:  
 EDITORIAL ORGANIZACOES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2\* (Tel. P.º A. B. X. 2 7607) — Lisboa

## Vai constituir-se em Lisboa a UNIÃO DO CINEMA LATINO

«Animatógrafo» publica orgulhosamente nas suas páginas o relato, feito por Fernando Frago, dum dos acontecimentos sem dúvida de maior alcance internacional registados na história do Cinema português. A «União do Cinema Latino» não é um projecto sem sequência nem consequências, destinado a viver a vida das bolas de sabão. Os nomes que subscrevem o projecto, garantem-no de sobejo. E' preciso que as coisas de cinema, em Portugal, tenham a consistência própria das realidades necessárias. E assim será!

Jean Renoir deve estar contente! Se outras alegrias não tivesse a compensar o seu labor de tantos anos e o seu entranhado amor ao cinema — arte que tem cultivado com brilho e defendido com paixão — a sessão que se realizou no Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema, no domingo transacto, deve tê-lo convencido de que, pelo menos moralmente, valeu a pena seguir o caminho que escolheu, dentro das normas que ele próprio traçou, com aquela fé e intransigência conscientes, que mais tarde ou mais cedo dão sempre os seus frutos.

Estou certo de que uma grande festa, uma distinção protocolar oficial, uma cerimónia de grandes proporções o teriam emocionado menos, do que aquela homenagem modesta, mas impregnada de tão sincera amizade, feita num país que Jean Renoir desconhecia até há pouco e onde possivelmente não

juagara encontrar tantos admiradores. A consagração do S. N. P. C. não lhe trará possivelmente benefícios ou vantagens de ordem material. Menos ainda qualquer repercussão no Estrangeiro, que possa lisonjear a sua vaidade ou acrescentar novos títulos de glória aos que aureolam o seu nome. Mas o significado da homenagem prestada transcende do seu valor aparente. E a prova concludente de comunicação espiritual que a Arte Cinematográfica estabelece entre os povos. E a demonstração eloquente da universalidade do Cinema — traduzida numa prova de deferência e gratidão! Não foi apenas o cineasta francês de *Fera Humana* ou da *Grande Ilusão* que o S. N. P. C. homenageou. Foi o Jean Renoir, pioneiro da *Arte tout-court*, que lutou por um Cinema mais belo, mais perfeito, mais humano e mais sincero e que conseguiu muitas vezes, em circunstâncias difíceis, fazer triunfar os seus propósitos — mesmo contra os desejos dos espectadores de águas turvas da Arte Cinematográfica, para me servir da frase com que António Lopes Ribeiro definiu aqueles que põem acima de tudo os seus proventos, fazendo tábuas razeas dos direitos que são devidos ao cinema, que para eles e apenas uma máquina de fabricar dinheiro.

A emoção com que Jean Renoir recebeu a homenagem prestada, diz-nos que ele a compreendeu em toda a extensão. E as palmas dos trabalhadores do cinema português — que devem ter encontrado, no coração de Renoir, o eco das que a plateia do São Luiz lhe havia prodigalizado, dias antes — são a prova

de que ele conseguiu o grande milagre da carreira dum cineasta: soube agradar ao público, sem trair os superiores interesses da Arte Cinematográfica!

**Pelo muito que tem feito pelo cinema e pela forma como sempre defendeu os trabalhadores de cinema, Jean Renoir merece a homenagem dos profissionais portugueses — declarou António Lopes Ribeiro**

A convocação para a sessão solene que o S. N. P. C. promoveu, foi feita num prazo insuficiente. A incerteza da data da partida de Jean Renoir fez com que a Direcção daquela colectividade precipitasse, até certo ponto, a efectivação da cerimónia festiva, de preferência a perder-se a oportunidade de prestar a sua homenagem oficial ao grande cineasta francês. Os trabalhadores de cinema não acorreram ali em massa, como seria certamente o seu desejo, mas a verdade é que, mesmo assim, eles apareceram em número e qualidade suficientes para não prejudicar o brilhantismo e a solenidade de que a sessão se revestiu.

Constituída à mesa, Octávio Bobone, que dava a sua direita ao realizador da *Grande Ilusão* e à esquerda a António Lopes Ribeiro, presidente do Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema, declarou aberta a sessão e concedeu a palavra ao nosso Director, que expôs as razões que levaram os corpos directivos do S. N. P. C. a propor a concessão do título de socio honorário ao realizador Jean Renoir.

— Muitos cineastas têm passado ultimamente pelo nosso País e nunca o organismo a que presido entendeu dever distingui-los oficialmente — declarou António Lopes Ribeiro. Mas o caso de Jean Renoir é diferente. Pelo muito que tem feito pelo cinema e pela forma como sempre tem defendido os trabalhadores do cinema, arrostando com campanhas e más vontades — Jean Renoir é credor do reconhecimento dos profissionais da cinematografia.

E António Lopes Ribeiro, para ilustrar a sua afirmação, evocou sucintamente a torpe maquinação tramada contra Renoir, pelos produtores franceses, quando *La Règle du jeu* se apresentou em França. Como Animatógrafo noticiou, aquêle filme foi produzido pelo sistema de cooperativa. Isto é: todos os técnicos que nele intervieram estavam interessados nos lucros do negócio. A ideia era tão revolucionária que certos produtores franceses, assustados com as perspectivas que tal

fórmula abria e que lesavam os seus interesses, se uniram para conseguir, por todos os processos, que a crítica fosse desfavorável aquêle filme.

António Lopes Ribeiro faz depois o elogio de Jean Renoir, lutador incansável, a quem o Cinema deve uma obra altamente construtiva. E terminou por dizer que propunha aos assistentes que o assentimento à proposta da Direcção fosse dado por aclamação.

Uma longa e vibrante salva de palmas abanou as suas últimas palavras. Jean Renoir, de pé, extremamente comovido, tocado intimamente por aquela homenagem tão despretensiosa, tão simples, mas tão sincera e amiga, pediu licença para proferir breves palavras de saudação e agradecimento. E depois de António Lopes Ribeiro lhe haver traduzido o sentido das palavras que pronunciava, e de nova salva de palmas ter ecoado com entusiasmo, Jean Renoir dirigiu-se aos assistentes.

**«Se há algum país que tenha direito a realizar filmes coloridos, esse país é Portugal» — afirmou Jean Renoir**

Com aquela naturalidade que lhe é proverbial e com a despretenção que constitui uma das mais curiosas facetas da sua personalidade, Jean Renoir começou por afirmar que considerava honra imerecida a distinção de que fora objecto. Para ele, no entanto, essa honra tinha um sentido mais lato, porque via — quem sabe? — na homenagem prestada, o primeiro passo para a colaboração cinematográfica dos povos latinos, de que ele tem sido o mais entusiasta paladino.

E Jean Renoir explicou: Há um único país europeu que, pela sua extensão, pela sua população e, conseqüentemente, pelo número apreciável de salas que conta e de espectadores que as frequentam, pode ter a pretensão de fazer filmes, destinados exclusivamente ao consumo próprio e que, embora custando muito dinheiro, se «pagam» e alcançam a indispensável margem de lucros, dentro das próprias fronteiras. Esse país — é a Alemanha.

Todos os outros, porém, necessitam de contar com o Estrangeiro, quando não as respectivas indústrias cinematográficas estão condenadas a viver em regime deficitário — ou então a produzir filmes que nunca poderão competir em esplendor e envergadura com a produção americana. Jean Renoir tem uma fé imensa no futuro do cinema latino. Reconhece que o cinema anglo-sa-

(Continua na pág. 11)

## Uma conferência de RENOIR no INSTITUTO FRANCÊS

Na passada quarta-feira, no «Instituto Francês em Portugal», Jean Renoir realizou uma conferência muito notável intitulada «Comment je fais un film». Assistiram o sr. Ministro de França e um numeroso público, que apreciou como devia a verdadeira lição que o realizador de «La Chiennes» ministrou durante mais duma hora, sem que o interesse dela tivesse abrandado durante um só minuto.

Mais do que explicar-nos como fazia um filme, Renoir contou-nos, da maneira mais viva e mais sincera, como fez todos os seus filmes, evocando a sua carreira, as suas lutas, os seus êxitos e os seus fracassos, com aquela franqueza de que possui o segredo, e que o tornam simpático a todos os auditórios.

Na impossibilidade de a descrever,

como desejaria, «Animatógrafo» quer guardar nas suas páginas a recordação duma tarde de cultura cinematográfica exemplar, pela nitidez e verdade dos princípios expostos, inimigos irreconciliáveis do estetismo pretencioso que seduziu e seduz ainda os amadores do «ângulo exquisto».

O sr. Raymond Warnier, director do Instituto Francês, apresentou o conferente, evocando a festa de «Animatógrafo», e agradecendo, como francês, a distinção conferida pelo Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema a um seu compatriota.

Convidou também o director de «Animatógrafo» a realizar no Instituto uma conferência sobre Cinema Português, convite que foi aceite

# MANIFESTO

## à cinematografia espanhola

*Este breve discurso que dedicamos à nossa Cinematografia pode levar-nos, em seu aventurado propósito, a conclusões que resultem escandalosas para os ânimos não cultivados na serenidade. Declaremos, como partindo dum princípio, que viemos para este deserto sem recar termos perigosos, já que a nossa missão não é aventurar uma profecia, mas sim seguir um raciocínio. Fica assim a alusão eliminada do nosso discurso, porque a tudo aquilo que surja na linha recta do raciocínio chamá-lo-emos pelo seu nome, como Deus manda. E agora vamos começar pelo princípio.*

## I

A Cinematografia é uma nova forma de expressão. Há meio século que a imaginação do homem achou um lugar inédito onde prosperar e conter um mundo que lhe fugia das mãos. E este achado dum vasto campo luminoso recebeu o nome de Cinematografia. Pensou-se alguma vez em tratar como sintomas que anunciam o nascimento da arte Cinematográfica, todas aquelas convulsões artísticas do fim-do-século com que as artes antigas pretendem exprimir as emoções dum mundo apressado? Não é a primeira vez que o natal dum Arte se anuncia com tais mostras de angústia. Aqui, nas margens do século XIX, as formas retorceram-se e torturaram-se para alcançar uma ordem nova; e é o Cinema quem resolve nos últimos anos do século aquela deformação plástica e literária em que as Artes eternas caem, ao decompôr-se, com a velocidade do mundo. Nasce, pois, o Cinema como Arte dedicada a conter o movimento, a expressão viva, e a recolher esse processo, que há de esgotar o homem, para chegar ao gesto permanente do «galo moribundo», ou para desenvolver o angustioso transe de «Iacocentes». A ciência arroja-se com valentia para estes novos braços e fica, no seu gesto múltiplo, ao serviço da imaginação, que já poderá exprimir com ela, finalmente, as suas elocubrações fabulosas.

A missão nova é conter um mundo que dá saltos e esbraceja e se exprime com uma sensação de liberdade até então desconhecida. E compete ao Cinema ordenar esse avanço envolvente da vida e ser a fórmula de expressão do nosso século, pois que surge para expressar o movimento.

Não pode assim maravilhar-nos que o país mais incorporado no dinamismo — a vida valoriza-se por dinamos, já sem consciência do êxtase —, a nação lançada, a América do Norte, leve preso a si este sugestivo jogo de luz, a quem oferece a sua técnica e a sua vida precipitada. Quando aquêles operários saindo das fábricas, que os irmãos Lumière apresentaram em 1898, dão o seu primeiro passo na direcção do espectador, o mundo intimida-se, porque adivinha que dali nasce uma ordem nova. Consagram-se-lhe muitas vocações; mas a nova arma é ágil para ser esgrimida por um velho mundo que arrasta, como uma cauda solene, a sua transcendentalidade. Por isso, enquanto Pina Menichelli agoniza num salão de palmeiras artificiais agarrando-se pesadamente a todas as cortinas que encontra, com cavaleiros americanos invadem a galope as telas brancas. O velho mundo também quisera correr a cavalo e ter uma suave rapariga a quem defender a punhos nus; mas cada vez que um dos seus galãs tem que perseguir o inimigo, tropeça, infalivelmente, com uma poltrona da sala. Tudo isto não é uma chalaça literária; pelo contrário, segue uma linha secular: a Europa nunca larga a poltrona, o que seria o mais prático, antes se entretém a procurar a melhor maneira de a rifar, porque é isso a cultura.

Não faltam na Europa gentes que cultivem o Cinema qual uma nova artefaria, perante a produção organizada da América; mas esta leva sempre consigo os números úteis, que são hoje, ainda, a essência de Hollywood. Chegamos assim ao momento mais grave da Cinematografia europeia, aquêlo ano, chamado, pouco mais ou menos, 1925, em que os velhos povos decidem adoptar o ritmo americano e dançam ao som da sua música. São os anos em que a própria Europa cai dentro da mentalidade da América, que exerce assim, através da Cinematografia, o mais poderoso império mental que tem havido no mundo. A juventude de todos os países deixa-se levar alegremente.

E' como um novo descobrimento de terras aonde ocorrem todas as imaginações decididas a prosperar. Fácil se torna então adivinhar que uma Europa metida nestas cavalarias da inconsciência, depressa há-de sentir o seu fracasso; que quando a Europa volte do baile, à noite, com a cabeça recostada no ombro do jovem pândego a quem entregou, embriagada, a chave da porta, já a estejam aguardando, no seu palamar burguês, uns complexos de consciência histórica.

Derrotado pela sua própria fraude, aquêlo cinema do velho continente adopta um recatado ar de província. E na sua expressão cinematográfica, já não será uma arte ocupada em atirar para cima cem pernas bem escolhidas. A Europa tem também uma missão séria a cumprir no cinema. Há que ganhar para outras missões esta grande aventura técnica; e se para aproximar-se do público despersonalizado pelo «flox-trot», a Europa estende um braço condescendente, ponte de prata para os seus temas frívolos, é fácil dar-se conta, no entanto, que esta Cinematografia já sente o peso do coração e tem coisas próprias para dizer. A sua densidade vai ser, precisamente, a sua característica, e vai radicar o seu esforço no facto de dar ao conteúdo umas asas ligeiras, que sobrevoem o mundo. Mas já estamos agora em nossos dias, quando todos os povos reclamam para si a missão dum cinema nacional, que antes era monopólio dum povo sagaz. Acção duma parte pela exigência política e doutra pelo rigor financeiro, que não constitui, precisamente, uma ordem contemplativa, o cinema dos nossos dias significa a ditosa superação para ganhar os mercados do mundo.

Que representa, nesta luta universal, a cinematografia espanhola? Chegamos ao nosso tema, depois dum jornada de divagação, sem que nos deixássemos tentar em demasia pela bela recordação da paisagem. Já avistamos terra nossa, em que nos dispomos a tocar amanhã.

## II

Antes de bolir num só metro de película espanhola, cumpramos fazer, a todos, uma meditação fundamental. Os povos têm para a sua cinematografia exigências maiores que a que põem em qualquer outras das manifestações nacionais. A própria universalidade do Cinema, que não pode ser contrariada, cria concorrências vivas a qualquer produção nacional, obrigada a medir-se com um material estrangeiro depurado, que tem anos de domínio e não sua as estopinhas. A mesma hora, perante o mesmo público, na mesma cidade, «Maria de la O» tem que derrotar-se com «Maria Walewska». Eis aqui uma competição que não conhecem o Teatro, nem o Desporto, nem qualquer outra das expressões espanholas, que vivem, fisicamente, muito longe da sua correspondente função estrangeira. Esta inevitável maravilha de levar aos camponeses do Cáucaso as imagens fabulosas de Nova Iorque, e de os fazer disfrutar nas suas aldeias um horizonte de delírios cinematográficos, criou no mundo a atitude exigente que dá o conhecimento das coisas. Quero dizer que medimos toda a obra cinematográfica com um padrão universal, que nos foi dado pela própria Cinematografia e que só ela conhece. Mas a verdade é que esta exigência existe, e que necessitamos enfrentá-la por um caminho de superação que seguirão também todas aquelas Cinematografias que nasceram para a vida universal demasiado tarde.

Para encerrar a luta, impõe-se ainda a este discurso uma consideração prévia: Sabemos que o nosso cinema sofre de um atrazo considerável.

Era preciso dizer isto, meus amigos, como ponto de partida inexorável para o discurso, e porisso me sacrifico a dizê-lo. Mas digamos também, logo a seguir, sem dar tempo à desesperança, que pela primeira vez temos fé na renovação da Cinematografia espanhola. E não porque haja planos secretos que se destinem a orientar o nosso Cinema como fenómeno isolado da vida nacional, mas sim porque, também pela primeira vez, acreditamos hoje na renovação total de Espanha. Porque foi um erro perigoso em certos homens que cultivam o protesto como única capacidade, pedir ao Cinema espanhol uma largueza que a vida espanhola desconhece. E era inútil este apelo à facilidade que nem a fina sensibilidade do negativo virgem poderia recolher em Espanha. Porque a cinematografia dum povo foi sempre a mais clara expressão da vida que esse povo leva. E é talvez por isso que vemos alusões a todos nós no Cinema nacional e reagimos ante as suas torpezas como se elas nos ofendessem pessoalmente.

**M. A. GARCIA VINOLAS**

*Chefe do Departamento Nacional de Cinematografia*

(Continua)

# PANORÁMICA

## ■ O Manifesto de Garcia Viñolas

Tal como prometemos, começamos hoje a publicar o admirável «Manifesto a Cinematografia Espanhola» que o chefe do Departamento Nacional de Cinematografia de Espanha publicou nos primeiros números da excelente revista que dirige: «Primer Plano».

A autorização que lhe pedimos foi-nos dada com palavras de tão cativante gentileza, que estamos certos que a colaboração entre o cinema português e o cinema espanhol, com este último dirigido por tão grande amigo de Portugal, pode ser um facto, e de extraordinário alcance. O próprio Garcia Viñolas não-lo afirma, na sua carta:

«...estas relações que entre nós se iniciam pela obra comum e com o mesmo entusiasmo, não-de chegar a conclusões muito venturosas.»

Pela nossa parte, desde já nos põmos ao inteiro dispor e ao lado de Garcia Viñolas, no pleito de conquistar para o cinema da Península Ibérica o lugar a que tem jus.

Portugal e Espanha cimentaram com sangue, na guerra de 36-39, um ideal comum de civilização cristã, de que o cinema pode ser o mais poderoso propagador. E nada pode contribuir mais, neste momento, para a União do Cinema Latino que se projecta, que a colaboração efectiva de Espanha e Portugal. A América do Norte possui um mercado muito vasto. Mas a América do Sul, onde se fala exclusivamente espanhol e português seria um mercado comum não menos interessante, sob todos os pontos de vista, artísticos ou comerciais.

«Animatógrafo» e «Primer Plano» vão combater juntos para que o sonho de hoje se torne na realidade de amanhã.

## ■ Mota da Costa

Faz parte, a partir deste número, da redacção de «Animatógrafo» e desempenhando o cargo de Secretário da Redacção, o nosso camarada Mota da Costa. Só os seus afazeres profissionais de jornalista activo o impediram de colaborar connosco desde a primeira hora. Logo que surgiu uma oportunidade, não hesitámos em convidá-lo — e ele não hesitou em aceitar.

Registámos com muita satisfação, no grupo onde se encontram todos aqueles a quem o jornalismo cinematográfico português deve efectivamente alguma coisa, a presença dum companheiro de ideal e de combate, o primeiro que teve a coragem de dirigir um jornal diário exclusivamente dedicado a assuntos cinematográficos — «Crónica Cinematográfica» —, e um dos mais sinceros e leais trabalhadores do nosso ofício.

## ■ Guerra ao exagêro !

Trouxeram-nos para cima da mesa da redacção um papelucho edificante que pretende re-clarificar um filme numa cidade portuguesa que se conta entre as primeiras e que tem mesmo fóros de superioridade autêntica, no domínio mental. (Pedimos desculpa de usar estas evasivas sibilinas, «la Nobre Martins», mas o pudor obriga-nos a ocultar, até reincidência, os nomes responsáveis).

Nesse papelucho, quasi imponderável, mandou-se imprimir em letras górdas, as seguintes frases lapidares:

«...O filme mais discutido de todo o mundo... «A grande revelação da temporada... «Assombro como nunca o cinema realizou... «O espectáculo mais sensacional de todos os tempos...»

Pois tudo isto se aplica a uma fita de terceira ordem, a que a própria casa distribuidora não liga grande importância, e que não conheceu, em parte nenhuma, qualquer êxito, nem de crítica, nem de público!

Consideramos isto profundamente desonesto, e profundamente iníhbil. E preciso que os exibidores se convencam de que o público não é parvo, e desistam de o tomar como tal. Além disso, não atingimos a vantagem de gastar muita pólvora em mijaretas. A primeira vez, pode ser que pegue. Mas depois só pode dar

# Sétima Arte

## — SÉTIMA ARMA

Tenho por verdadeiro que a cada época, como a cada indivíduo, convém um método diverso para fazer aceitar uma razão. Não acredito em panaceias, em fórmulas universais, capazes de fazer aceitar uma só mesma coisa em períodos e a pessoas diferentes. O próprio cristianismo, difundidor da Ideia mais universal e mais nobre que existe, evoluiu, adaptou-se, encontrou processos novos de catequese, com o rodar dos tempos e conforme os prosélitos a que destinava.

Entendo assim que a propaganda dum coisa deve ser feita, não com a rigidez ortodoxa que os seus partidários mais ingénuos porventura reclamariam, mas com a flexibilidade e a condescendência necessárias à sua penetração em toda a parte, e a todos os momentos.

Ai está a razão — e este artigo pretende replicar antecipadamente a alguns reparos que podem ser feitos ao plano e à orientação de «Animatógrafo» — porque o nosso jornal não é uma espessa colectânea de estudos profundos e bisonhos sobre a doutrina cinematográfica, e lhe quisemos dar, dentro da mais absoluta dignidade profissional, o tom acessível e brando que talvez irrite os nossos magros filosofadores da sétima arte, intelectuais inacessíveis, para quem toda a largueza é comércio e toda a clareza é traição.

Mas é que nós acreditamos no Cinema mais como um poderoso factor social, instrumento seguro de acção civilizadora, do que como um rebento seródio da mãe das musas. Consideramo-lo um soberbo latagão capaz de arrastar consigo, pela palavra e pelo gesto, multidões e multidões; não um jovem mancebo pensativo, com ares de esteta decadente. Temo-lo hoje mais por uma arma que por uma arte.

Uma arma — é isso, é isso mesmo o que êle é! Arma temível, de dois gumes e múltiplas aplicações, como certos canivetes. Para a usar, então sim, é que são necessários os artistas, e se reclama que êles respeitem quanto puderem as melhores leis do gosto e da técnica — arte das artes.

Durante a Guerra da Redenção de Espanha, descobriu-se a «sexta arma»: a radiofonia, que ajudou a ganhar batalhas, a vencer resistências, não só no terreno ocupado militarmente, mas nesse outro terreno mais difícil e mais impenetrável que é a alma, ocupada politicamente...

Pois a Guerra actual também evidencia o papel do Cinema como nova arma, a «sétima».

«Sétima arma» tal como é, na sua essência, a «sétima arte» — o Cinema acompanha os exércitos, assiste a todos os combates, regista os acontecimentos de todo o vulto, e projecta-os pelas sete partidas do mundo, consciente da sua influência e da sua claridade.

Os governos habituaram-se já, na Guerra, a utilizar a cinematografia como agente diplomático, e como adido militar...

Só desejamos que, na Paz futura, tão «fatal» como a própria guerra, êles não voltem a tratá-lo como uma espécie de brinquedo caro, servido por lunáticos parlatores. O baptismo de sangue dá à «sétima arma» direitos inalienáveis.

E os que tiveram a força moral para conservar a sua tranqüilidade — devem meditar e compreender.

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

este mau resultado: o público passar a não acreditar em nada do que lhe diz a publicidade do empregário, nem mesmo quando for verdade.

O exagêro, parente enfiado da mentira, na publicidade como em tudo, nunca serviu senão para desacreditar quem o usa e — o que é mais grave — para desacreditar a própria coisa a que se aplica. Ao pobre cinema já lhe têm feito bastantes torpezas para merecer um pouco mais da consideração daqueles que vivem a custa dêle.

## ■ A Página dos Novos

A publicação, no último número, da primeira página dos novos, espicacou, como não podia deixar de ser, a veia dos nossos colaboradores voluntários. Disso nos congratulamos muito, mas convém dar alguns esclarecimentos:

1.º — «A Página dos Novos» não poderá ser publicada em todos os números, mas só uma ou duas vezes por mês.

2.º — Os originais enviados devem ser escritos a tinta, ou à máquina, dum só lado do papel; devem ser curtos; e ficam sendo, quer sejam publicados ou não, propriedade de «Ani-

matógrafo», não sendo nunca devolvidos aos seus autores.

3.º — As respostas às solicitações de publicação serão feitas exclusivamente por intermédio da secção «Correio dos Novos». E, portanto, inútil escrever, telefonar ou procurar-nos pessoalmente, demonstrando uma pessima condição para quem começa; o não saber esperar. Por isso, e para satisfazer a natural ansiedade dos nossos colaboradores voluntários, procuraremos publicar o «Correio dos Novos» mesmo quando não venha a «Página».

4.º — Não nos interessa a publicação dos seguintes géneros: «críticas de filmes», salvo se trouxerem alguma coisa de verdadeiramente novo e original; «biografias de artistas», porque não trazem, evidentemente, nada que ignorem os nossos redactores; «história do cinema», salvo no que se refere à história do cinema português, porque essa, pelo contrário, interessa-nos muito saber como a interpretam os nossos leitores.

Lembrem-se ainda de que já temos na gaveta muitas dezenas de artigos, e que, em cada página, só podem sair dois ou três, escolhidos, é bem de ver, entre os melhores.

# DEANNA DURBIN

## é a favorita do público português

Embora não publicamos neste número a «Página dos Novos», nem nos seduzia a publicação de críticas cinematográficas que não sejam assinadas pelos críticos habituais de «Animatógrafo», julgamos, porém, interessante inserir neste número a crítica ao filme de Deanna Durbin, feita por um dos nossos leitores do Porto, Eduardo Soares, aliás treinado em lições jornalísticas, especialmente no jornalismo cinematográfico, pois foi durante largo tempo correspondente no Norte da revista «Imagens», e nela publicou artigos interessantes.

Agora, impressionado com o mais recente filme de Deanna, cuja apresentação o Porto teve a primazia, não resistiu à tentação de escrever as palavras justas que a seguir publicamos. Fazendo-o sem as preocupações e a responsabilidade do crítico profissional, debaixo da impressão imediata que o filme, ao correr no ecrã, lhe causou, essa crítica diz bem do agrado que o filme provocou no público frequentador do cinema, pois é um elemento desse público, aliás com uma segura formação cinematográfica, que nos vem dizer dos méritos da realização, do talento dos intérpretes, enfim, do valor do «Primeiro Amor de Gata Borrallheira».

Eduardo Soares mostra-se justamente entusiasmado com a graça, a sedução e o encanto pessoal de Deanna Durbin, que é o caso mais extraordinário de entusiasmo cinéfilo que o mundo do cinema tem sido testemunha, e chama a atenção dos seus leitores — das suas leitoras, particularmente... — para um novo actor cuja carreira é neste momento objecto do maior interesse e do maior cuidado por parte da empresa a que pertence — Robert Stack.

As suas impressões vão criar, com toda a certeza, entre o público que não teve ainda a oportunidade feliz de ver «O Primeiro Amor de Gata Borrallheira» — o novo exclusivo dos Filmes Alcantara — um ambiente de interessada expectativa, aquela expectativa entusiástica com que costumam ser esperados os filmes de Deanna Durbin.

Não queremos demorar por mais tempo a leitura da crítica que um leitor português de «Animatógrafo» fez ao «Primeiro Amor de Gata Borrallheira».

El-la:

O cinema Trindade ofereceu ao Porto uma estreia em Portugal de categoria, com um filme encantador de Deanna Durbin — essa linda actriz que inúmeras simpatias conta entre os cinéfilos portugueses. E diga-se desde já que «O primeiro Amor de Gata Borrallheira» reúne reais qualidades de agrado, constituindo mesmo um autêntico êxito. Agradou-nos em absoluto esta admirável produção da New Universal, que Henry Kostel realizou com mestria sublime.

O filme é um encanto, uma maravilha, um autêntico conto de fadas!

Se Deanna Durbin não tivesse já conquistado o nosso público, First Love só por si, seria o suficiente

## O êxito alcançado no Porto pelo «PRIMEIRO AMOR DE GATA BORRALHEIRA» e os resultados do nosso Referendum dos retratos

para a elevar ao número das artistas mais apreciadas pelos fans de Portugal.

Insinuante, graciosa, representando e cantando como só ela sabe — Deanna Durbin merece os nossos mais largos aplausos. A sua actuação é primorosa, inegalável, única no cinema.

Não se julgue porém, que o filme vale só por essa encantadora actriz.

O galã, Robert Stack, não pareceu amedrontado pelo facto de ser o primeiro amor de gata borrallheira... Bonita figura, fotogénico em absoluto, por certo vai fazer sonhar muita menina cinéfila.

Deseñhecido para as nossas pla-

teias, Robert Stack vai ganhar simpatias, já pelo seu excelente trabalho neste filme, já pela sua personalidade insinuante.

Helen Parrish, Eugene Pallette, Lewis Howard e Leatrice Joy não desmancharam o conjunto no desempenho dos restantes papeis capitais do filme.

Antes pelo contrário: o seu trabalho é demonstração exuberante de esforço máximo em acompanhar de perto os dois grandes astros do filme — uma que conquistou ainda mais o público (Deanna); outro, que entrou com o «pé direito» no nosso ambiente cinéfilo (Robert Stack).

## DEANNA vai à cabeça!

### TYRONE POWER é o primeiro dos actores

Eis aqui, conforme prometemos, os primeiros resultados do nosso «Referendum dos Retratos», baseado nos votos dos nossos leitores, enviados até o dia 13 de Dezembro de 1940. Nesta lista figuram os dez primeiros votados, sem atender ao facto de já ter sido publicado ou não o seu retrato, à excepção de CHARLES BOYER e GINGER ROGERS, que não foram certamente votados pelo facto dos respectivos retratos terem sido publicados no número em que lançamos a ideia do Referendum.

#### ACTRIZES

- |                    |  |
|--------------------|--|
| 1 — DEANNA DURBIN. | 6 — PAULETTE GODDARD e DOROTHY LAMOUR (empatadas). |
| 2 — MIRNA LOY.     | 8 — ROSALIND RUSSELL.                              |
| 3 — NORMA SHEARER. | 9 — ANN RUTHEFFORD.                                |
| 4 — ALICE FAYE.    | 10 — JOAN GRAWFORD.                                |
| 5 — HEDDY LAMARR.  |  |

#### ACTORES

- |  |                     |
|--|---------------------|
| 1 — TYRONE POWER.                          | 6 — ROBERT TAYLOR.  |
| 2 — MICKEY ROONEY.                         | 7 — CARY GRANT.     |
| 3 — SPENCER TRACY.                         | 8 — JAMES STEWART.  |
| 4 — CLARK GABLE e GARY COOPER (empatados). | 9 — MELVYN DOUGLAS. |
|  | 10 — RICHARD GREEN. |

De acôrdo com o Regulamento que publicamos no n.º 4 de «Animatógrafo», os artistas cujos retratos já foram publicados, desaparecem da lista até que voltem a alcançar o número de votos suficiente para se classificarem entre os dez primeiros.

Os retratos dos dez primeiros de cada lista serão publicados o mais rapidamente possível. Assim, já podemos anunciar que, no próximo número (o do Natal), figurarão na «Galeria do Animatógrafo» os dois classificados em 1.º lugar nesta 4.ª lista: DEANNA DURBIN e TYRONE POWER.

#### Muita Atenção!

SÓ TEM VALIDADE E SÓ SÃO CONTADOS OS VOTOS INSCRITOS NAS SENHAS DE VOTO QUE PUBLICAREMOS EM TODOS OS NÚMEROS, EM LUGAR DONDE POSSAM SER RECORTEADAS SEM ESTRAGAR O JORNAL.

Não vos vou contar o argumento — isso seria tirar o interesse ao filme. Digo-vos que é de primeira qualidade e está recheado de cenas do mais puro lirismo. A história da rapariga que sai do colégio, onde o ambiente é propício para sonhos de fada e cai de repente no ambiente amoroso da alta sociedade — é encantadora.

Deanna conhece um homem que é o primeiro a beijá-la; Deanna vai pela primeira vez a um baile, e sonha, sonha muito, como qualquer de vocês, queridas leitoras. seria capaz de sonhar!

O final é um achado, inédito, enternecedor, e o público não pode reprimir uma lágrima teimosa... «First Love» possui cenas de bom cinema, e não quero deixar sem referência aquela em que Deanna na frente de um espelho, se vê acusada pela sua consciência. Uma cena, de bom cinema, na verdade.

Em resumo: «First Love» vai agradar em cheio aos nossos cinéfilos e ficará por certo como um dos grandes sucessos de 1940!

O Trindade registou uma enchente, e o público só não bateu palmas, dando largas ao seu bem justificado entusiasmo... por vergonha.

Deanna Durbin é simplesmente deliciosa quando canta, um dos mais lindos trechos de «Madame Butterfly», no final do filme.

Spring in my heart a sua primeira canção em First Love é uma composição de apurado gosto, a que ela dá um relevo excepcional.

A fotografia de Joe Valentine apreciável, e a música de Charles Previn, deliciosa.

E para quê, dizer-vos mais alguma coisa?

O filme é um verdadeiro sonho cor de rosa!

EDUARDO SOARES

As palavras que acabam de ler são um testemunho verídico e sincero das qualidades do filme de Deanna Durbin, que Lisboa vai ver correr, dentro de poucos dias, nas telas do Odéon e do Palácio.

Nós, com o conhecimento e a autoridade que nos dá o termos visto já o filme, podemos assegurar aos nossos leitores que não há nas palavras de Eduardo Soares nem excesso de entusiasmo, nem sombra de exagero.

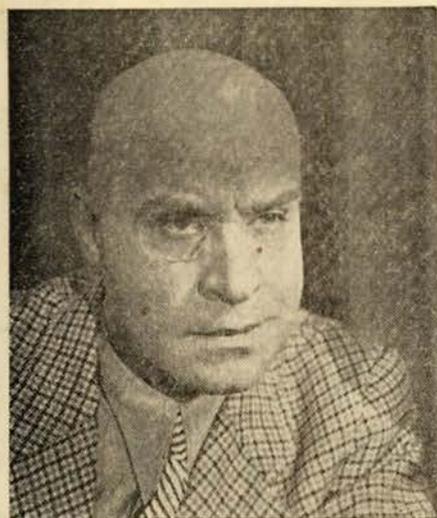
«O Primeiro Amor de Gata Borrallheira» é tal qual!

## A GALERIA DO «ANIMATÓGRAFO»

Este número inclui dois Retratos-Brinde que não podem ser vendidos separadamente, e que todos devem exigir aos vendedores deste jornal.

## CINEMA PORTUGUÊS

## BARRETO POEIRA

Do «Gonçalo» da «CANÇÃO DA TERRA»  
ao «tenente Dolle» de «PORTO DE ABRIGO»

Quem se não lembra do Gonçalo da «Canção da Terra»? A poderosa interpretação de Barreto Poeira impôs-lo desde logo como um autêntico valor. E o nosso cinema, desta vez, não pôs de lado alguém que se revelara capaz de interpretações ainda mais difíceis

Barreto Poeira não pensava vir a trabalhar em cinema. Não lhe faltavam, porém, aproveitáveis qualidades artísticas. Desde muito novo que sentiu decidida vocação para actor. Em teatro de amadores dera sobejas provas dos seus vastos recursos, de quanto era capaz de fazer. Todos lhe reconheciam valor, lamentando que Poeira não se interessasse pelos palcos profissionais. Estava ali um grande artista, a altura duma peça de cartaz. Barreto Poeira, todavia, na sua peculiar modestia, e, talvez, porque o teatro nem sempre é como o pintado, preferia a sua profissão e satisfazia-o o seu lugar no teatro de amadores — um lugar conseguido pelos seus reais méritos.

Um dia Jorge Brun do Canto «descobre-o», confiando-lhe o protagonista da «Canção da Terra». Poeira, vai deabalada para Porto Santo, e aí viveu ao natural o personagem que lhe confiaram — «Gonçalo», um camponês daquelas terras, onde as secas são o maior martírio, e a vida do campo ao pão de cada dia.

Barreto Poeira, após a estreia do filme, lograra as mais lisonjeiras críticas e o mais rasgado acolhimento do público. Era o primeiro «galã» dramático do cinema português. Alto, de bom físico, empático e despretençoso, na pujança dos seus dotes artísticos, conquistara os corações femininos. O teatro disputava-o.

Poeira não transgira. Mas o cinema ficaria privado do «Gonçalo», másculo, varonil, da «Canção da Terra»? Assim parecia, pelo menos, até que surgiu a boa nova: Barreto Poeira ia voltar ao cinema, num filme, e num personagem, inteiramente diferentes. O «Gonçalo» era, agora, o «tenente Dolle», do Serviço Secreto, dum país, algures na Europa.

O regresso de Poeira causara sensação, tanto mais que o novo «astor» parecia disposto a viver à margem da tela. Dera-se, contudo, o «milagre». Havia razões para tanto. O novo papel de Barreto Poeira, era algo de novo no cinema nacional. Pela primeira vez, no

nosso país, ia filmar-se, após o advento do sonoro, uma película de carácter internacional, vivida, uma parte, num país europeu em que se fazem sentir as ameaças da convulsão internacional, e outra num recanto sossegado de Portugal, entre a boa gente duma praia discreta e calma.

Barreto Poeira, de homem do campo, rude e trabalhador, habituado aos revezes da má-natureza,

transformara-se num tenente distinto e hábil em serviços de espionagem — o tenente Dolle, de «Porto de Abrigo», a primeira produção de grande metragem da «Lisboa-Filmes».

O tenente Dolle, ao serviço da polícia secreta do seu país, segue as pegadas duma aventureira que se refugia em Portugal, trazendo consigo os planos do reino da morte. Dolle não perde um único movimento da aventureira, cumprindo o serviço que lhe fora indicado. O conflito, então, redobra de interesse, sempre crescente até à última cena, em que se dá o imprevisto.

É este o novo Barreto Poeira que «Porto de Abrigo» vai revelar.

O «Gonçalo» de calças remendadas, largo chapéu de palha, enxada ao ombro, a face, de barba crescida, escorrendo suor, deu lugar ao «tenente Dolle», de porte misterioso, elegante, destemido e arrojado.

Na intimidade, Barreto Poeira, é das pessoas mais simpáticas que conhecemos. Culto, duma inteligência viva, manifestada nos mais pequenos pormenores, possui o segre-

do de ter um amigo sincero em quem quer que o conheça. Os louros colhidos no cinema não o «avaldecaram». E o mesmo Barreto Poeira, conversador, amigo da «blague», amável — simpatia das simpatias. Dá gosto ouvi-lo; é daquelas pessoas que mantem uma conversa, seja qual for o assunto versado, com elegância e interesse. Os seus gestos não são estudados para resultarem bonitos, e beneficiarem os chefes de publicidade. E como é, e tão como as conveniências o exigem. O «snobismo» não tem, significado para ele. Poeira é a modestia personificada.

Aguardemos a estreia de «Porto de Abrigo», a arrojada iniciativa da «Lisboa-Filmes», a firma portuguesa a que o cinema nacional tanto deve, para nos referirmos ao novo desempenho de Barreto Poeira. De antemão, porém, e segundo opiniões de quem já viu em sessão privada, «Porto de Abrigo», podemos garantir que o recente trabalho de Barreto Poeira, é daqueles que causam sensação e consagram em definitivo um artista. — S. Z.

P. Z.

## VER OUVIR... E FALAR

Quando tomei conta deste cantinho da página dedicada ao cinema nacional, sabia muito bem que havia de ter uma coisa insensivelmente aborrecida — a falta de assunto novo, isto é: a carência de notícias vivas, frescas, que merecessem comentário. Não estranho, portanto. E por isso mesmo não me queixo. Roma e Pavia não se fizeram num dia. E, se ontem a fabricação de fitas em Portugal parecia um bico de obra que poucos queriam encarar a sério, hoje já é possível, pelo menos de vez em quando, dedicar as páginas de uma revista a outros assuntos e figuras que não sejam do cinema estrangeiro. Esperemos confiados que a nossa indústria de filmes venha a dar ao a que dela nos ocupemos sem forçado favoritismo, nem intuito de apadrinhar este ou aquele, em aventura incerta.

Jorge Brun do Canto garante que o seu filme é certo. Tem havido até já conversas para se assinarem contratos. Leitão de Barros, que ainda ontem encontramos às voltas com a ideia de que os santos de casa já fazem milagres, prometeu-me, para muito breve, novidade de escaucha. Artur Duarte continua a encontrar-se com Mota da Costa e tudo indica que «O Amor

Perfeito» — salvo seja! — está na jorja. Por outro lado, o director do «Animatógrafo» não dorme. (Ele próprio se queixa de que, com o arranjo da revista, quasi não vai à cama).

Isto é o que sabemos acerca dos planos imediatos daqueles que estão na primeira fila da nossa produção. Fora disso, fala-se num filme musical que seria interpretado por dois conhecidos bailarinos e dirigido por António Vilar. Por sua vez, o actor Henrique Campos confessa não desistir de fazer a verdadeira história das nossas leituras, levando por diante «Um homem do Ribatejo».

Entretanto, sabemos que a questão do Consórcio não foi atirada para trás das costas. Se for uma realidade, talvez não seja atrevido prognóstico o prevê-se que a próxima temporada apresente a novidade de conservar filmes nacionais sempre em exhibição ao lado das imprescindíveis obras estrangeiras que nenhum mercado, e muito menos o nosso, pode pretender alguma vez dispensar. Podem julgar que estas palavras manifestam ingenuidade. Mas enganam-se. Isto não é exagero, que aliás seria tão estulto como injustificado, se pensarmos como é diferente o cinema

em Portugal. Lembrem-se que hoje já se pode falar de filmes, anunciar projectos, sem ser à boca pequena como naqueles tempos em que se temia que as notícias escangalhassem as negociações encetadas...

Os próprios factos o demonstram. Há erros — muitos erros! Mas o cinema português já é feito com mais alguns requisitos precisos para lhe darem o necessário triunfo. Há meios materiais, há aptidões prometedoras, há sincero desejo de acertar. Falta, apenas, disciplina e método. Para que o cinema nacional entre no bom caminho é indispensável que a máquina de produção não enferruje, não se torne pedra...

Pela minha parte estou convencido de que método e disciplina acabarão por se impôr. É questão de tempo, paciência... e mudança de ares. Por isso mesmo, nunca desiludo essa legião de aspirantes a artistas que com conhecimento e que querem entrar num filme, nem que seja, obscuramente, apagadamente nas fileiras da figuração. Eles sonham e são bem mais felizes do que nós. Nós sonhamos deitados, de papo para o ar, a imaginar lérias no fumo, nas nuvens e no céu. Eles sonham de outra maneira. Sonham acordados, ansiosos por ver o seu desejo com contorno de luz, feito realidade.

E há alguns que eu conheço desde os tempos dos carnavalescos soldados de José do Teilhado, dos impossíveis camponês das primitivas «Pupilas», dos aflições populares do velho e sorna «Amor de Perdição»...

AUGUSTO FRAGA

## VIDA CORPORATIVA

# Inauguram-se no domingo os Cursos Profissionais do SINDICATO

Proseguindo a sua acção contínua de há três anos em prol do melhoramento das condições profissionais da cinematografia em Portugal, a Direcção do S. N. P. C. vai inaugurar, no próximo domingo, os primeiros Cursos Profissionais de Cinema que se ministram entre nós.

Não pode escapar a ninguém o interesse de semelhante iniciativa, nem o significado do acto oficial que vai realizar-se, com a presença e o apoio dos organismos interessados: Ministério da Educação Nacional, pela Direcção Geral do Ensino Técnico; Instituto Nacional do Trabalho e Previdência e Inspeção Geral dos Espectáculos.

Há muito que se fazia sentir no meio cinematográfico a necessidade de cursos técnicos, capazes de aproveitar as qualidades dos mais dotados, aperfeiçoando-as com ensinamentos indispensáveis e que só são leccionados em estabelecimentos superiores, e sempre da maneira mais avessa à sua possível aplicação cinematográfica.

A mecânica, a electricidade, a acústica, como matérias especializadas, só podem aprender-se entre nós em institutos cuja frequência é incompatível com a necessidade de trabalhar e com as próprias habilitações dos profissionais de cinema. E, no entanto, ninguém poderá negar que o seu conhecimento, teórico e prático, seria muito vantajoso a um projeccionista de filmes, por exemplo.

Além disso, em parte nenhuma, a não ser nos próprios cinemas, por obsequio dum empregado e dum

chefe de cabine, podem os que possivelmente gostariam de escolher uma profissão na exibição de filmes estabelecer o contacto necessário com a aparelhagem, conhecê-la, examiná-la e, o que vale mais ainda — «mexer-lhe», ver com os olhos e com os dedos, como funciona a máquina de iludir.

Pois todas essas possibilidades vão ser postas pelo Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema à disposição dos seus sócios e dos estranhos que se matriculem, em determinadas condições. E vão ser abertos, sob a direcção de técnicos competentes, cursos profissionais, dos quais já se inauguram no domingo os dois primeiros: Projectão e Revisão.

Estamos a adivinhar a desilusão dos candidatos a estréias... do Lumiar, que supunham talvez que tais cursos iam ensinar-lhes a «fazer expressões» e «maquilar-se», senão a rivalizar com Greta Garbo ou com o Spencer Tracy com um sentido prático de louvar.

O Sindicato preocupa-se primeiro com o que está mais directamente sob a sua alçada e nas suas possibilidades imediatas. E, em boa verdade, não vale a pena fazer maravilhas nos estúdios, quer seja em Hollywood, em Berlim, na Cine-Cittá, em Barcelona ou em Lisboa, se esses filmes forem depois projectados nas condições «miseráveis», de imagem e de som, em que setenta por cento dos nossos cinemas os projectam. Pode dizer-se, sem exagero, que cinquenta por cento do nosso público cinéfilo (quasi todo o público da

## TITULOS ILUSTRADOS



«MOCIDADE EM FUGA»

provincia, por exemplo) nunca viu cinema como deve ser. Sem luz suficiente, sem som afinado, a melhor fita transforma-se num pavoroso mostrengo, confuso e roufenho.

Apressemos-nos a dizer que isto se deve à incompetência e à incuria de muitos exibidores, bem mais que à incompetência e à incuria dos projeccionistas, que actualmente só são autorizados a projectar filmes depois de submetidos a um exame demorado e rigoroso.

E mais ainda nos apressemos a dizer que projecções sonoras como as do São João, do Porto, do São Luiz, de Lisboa, do Cinearte, do Europa, do Odéon, de Lisboa, e doutros que não nos ocorrem de momento, honram a exibição cinematográfica em qualquer parte.

Não compreendem os que assim desleixam o seu principal instrumento de trabalho, o seu autêntico ganha-pão, que contribuem assim para afastar o público que, cada vez mais, desejaria frequentar as salas de cinema.

Dizem eles que deixam as coisas naquele estado porque o público não vai; nós dizemos que o público não vai porque eles têm as máquinas naquele estado.

Para desenvolver nos próprios profissionais o brio suficiente para convencerem e ajudarem os patrões a melhorar as condições técnicas dos seus espectáculos, também o curso de projeccionista decerto se revelará bastante útil.

Quanto ao Curso de Revisão, para «revisoras» de distribuição (operárias que verificam o estado em que se encontram as películas destinadas à exibição e as põem nas melhores condições de serem projectadas, limpando-as, fazendo cortes e colagens convenientes, etc., é inútil salientar a sua utilidade.

Embora projecte a criação duma Escola-Oficina modelar, o Sindicato só dispõe, por agora, do material mínimo indispensável, cedido pela compreensão de algumas entidades patronais, que sabem ajudar a indústria de que vivem, ou adquirido com as suas receitas próprias.

Mas projecta inaugurar brevemente novos cursos, interessando à Produção, e de que daremos oportuna notícia.



— A firma «Illusions Pictures» vai apresentar, sabe-se lá quando, a nova produção de Hypotheticus, intitulada «The Return to Payus — Peers», que será dirigida pelo nível mas já mau realizador Armand Myr Handy. A película é inspirada no filme de Fritz Lang, «O Regresso de Frank James» e é toda colorida pelo moderno processo dos lápis de cores. O realizador, que é também o autor do argumento e de tudo quanto é preciso para fazer o filme terá como assistente um padeiro.

— O realizador Layton Bar vai, em breve, começar a produzir o filme bastante histórico «The Private Life of Marie de La Fontaine», sobre um argumento do escritor Carlo Selvaggio. Algumas das principais cenas do filme passam-se a bordo duma nau mandada construir quasi propositadamente.

— Indigita-se para protagonista do filme «The Private Life of Marie de La Fontaine» a actriz Dinah Thérèse, a rival de Shirley Temple. Grande parte da figuração do filme, por exigência do argumentista, será recrutada entre os pretos de Inhambane.

— O filme «L'Amour Parfait», realizado por Arthur Dewart, que é, também o seu principal intérprete masculino, terá como protagonista a actriz Thereza Couple, considerada em Hollywood como a rival de Mae West. Os diálogos do filme estão concluídos até à cena em que a protagonista encontra o galã que lhe diz: — Chérie!, ao que ela responde: — Mon petit mari, mon petit mari, mon petit mari, e assim sucessivamente até emagrecer por completo.

O HOMEM-SOMBRA

## Método infalível para conseguir silêncio num estúdio português



— Quem tem tróço de quinhentos escudos?

As fotografuras e as zincografuras de «Animatógrafo» são feitas na **Fotografura Nacional** Rua da Rosa, 273 LISBOA

Há dois anos que a Família Blondie habita em Portugal, no Pôrto, hóspede da Aliança Filmes, naquele primeiro andar da Rua de Passos Manuel, que é uma espécie de definação geométrica das linhas paralelas, desde que a Aliança ocupou militarmente o cinema Politeama de Lisboa: lugar onde o Alberto Armando Pereira e o Carlos Moreira, por mais que se prolonguem, nunca se encontram.

Teve assim que preencher, como toda a gente, o Boletim de Família necessário ao Recenseamento da População, ordenado por Salazar. Como toda a gente, é modo de dizer, e dos mais incorrectos, porque nenhum dos membros da Família Blondie faz seja o que for como toda a gente.

Por intermédio dum dos nossos agentes de ligação subemos que o preenchimento do Boletim do Censo foi um caso sério.

Se Chic Young, o famoso caricaturista americano, «pater familias» dos Blondie, tivesse assistido à cena (de que aliás terá conhecimento por nosso intermédio), de-certo inventaria *in-continenti* um dos seus mais divertidos argumentos, capaz de rivalizar com o de «Blondie Brings up Babies», em que vamos ver agora a celeberrima família.

Como todas as cenas em que participam, ela é indiscreta. Mas damos o mais importante: a cópia fiel do Boletim tal como foi preenchido por Dagwood, de colaboração com a mulher e com o filho (que está por ali para meter o bedelho e dar sentenças...), e em que os nossos leitores ficarão conhecendo o impagável quarteto tão bem ou melhor ainda que eles próprios.



# O RECENSEAMENTO da família BLONDIE

Nome	Residência habitual	Relação com o chefe de família	Sexo	Idade	Estado civil	Nacionalidade
DAGWOOD .....	Aliança-Filmes	Chefe	Masculino	22 anos	Casado	Americana
BLONDIE .....	»	Mulher	Feminino	28 anos	Casada	»
BABY DUMPLING .....	»	Filho	Masculino	4 anos	Solteiro	»
DAISY .....	»	Cadela	Feminino	2 anos	»	»

Nome	Instrução	Defeitos físicos	Profissão	Ramo de actividade	Melhores de vida
DAGWOOD .....	Incompleta	Doido varrido	Comerciante	Sarilhos	Trabalho intermitente
BLONDIE .....	Relativa	Muito ciumenta	Doméstica	Linguística	Chefe de família
BABY DUMPLING .....	Completa	Vocação para pugilista	Génio precoce	Cabulice	Expedientes
DAISY .....	Canina	Tentação pelos candeeiros	Gastrónomo	Vadiagem	Caixote do lixo

# O número de Natal do «Animatógrafo»

Apesar de só contar mês e meio de existência e das dificuldades de toda a ordem que a guerra actual opõe à industria gráfica, «Animatógrafo» abalança-se a fazer, ao seu sétimo numero, um numero de Natal.

Fá-lo com a certeza de corresponder assim ao desejo dos seus milhares de leitores que, de todo o país, dizem que o nosso jornal é o melhor, o mais variado, o mais original e o mais «profissional» de todos os que têm aparecido em Portugal focando assuntos de cinema.

Por isso, pela confiança que nos merecem os nossos leitores, não temos outro remédio senão acreditar...

Pelo sumário (que não é mais que o sumário do sumário...) do numero de Natal de «Animatógrafo» publicado nestas colunas, poderão verificar que alguns temas escolhidos são de molde a satisfazer os mais exigentes.

O simples facto de apresentarmos 16 páginas de rotogravura, em vez das 6 ou 8 que temos apresentado, justifica que o nosso numero da próxima segunda-feira, ante-véspera de Natal, comemore condignamente a data festiva, levando a todos os cinéfilos, nas suas páginas cheias como ovos, as «boas festas» de «Animatógrafo».

Procuramos corresponder assim ao acolhimento que nos fizeram.

Todos os dias r chegam as mais iniludíveis provas de

## ALGUNS DOS ATRACTIVOS DO NOSSO NÚMERO ESPECIAL A PUBLICAR NO DIA 23

16 páginas em  
ROTOGRAVURA

### «AS FAVORITAS DA REDACÇÃO»

8 cartas endereçadas às 8 estrelas predilectas dos nossos Redactores.  
Quem serão as «Favoritas»?

### «O NATAL DO «VILÃO»

Conto por JOSÉ DA NATIVIDADE GASPAR

### A PRIMEIRA CARTA CINÉFILA DE MARIA DA GRAÇA...

### ... E A PRIMEIRA BOFETADA DE ÓSCAR DE LEMOS

Duas reportagens fotográficas de sensação relativa a «Pôrto de Abrigos», da Lisboa-Filme

### DUAS PÁGINAS DE FOTOGRAFIAS DE TRABALHO, ESCOLHIDAS POR CAROLE LOMBARD, DURANTE AS FILMAGENS DE «THE KNEW WHAT THEY WANTED»

da Rádio-Filmes

### OS RETRATOS DOS DOIS «LEADERS» DO NOSSO REFERENDUM :

### DEANNA DURBIN e TYRONE POWER

Páginas especiais dedicadas aos filmes: «O LADRÃO DE BAGDAD», da Sonoro-Filme, e «SINFONIA DOS TRÓPICOS», da Fox-Filmes

### MAIS RETRATOS! MAIS LEITURA! MAIS SURPREZAS!

à língua: O publico sabe que isto é verdade...

**36 PÁGINAS—Preço especial: 2\$50**

apreço. A simples leitura do «correio de Bel-Tenebros» (secção que bastaria para celebrar o nosso periódico, como já celebrou «Cine-Jornal») basta para o provar aos mais descrentes.

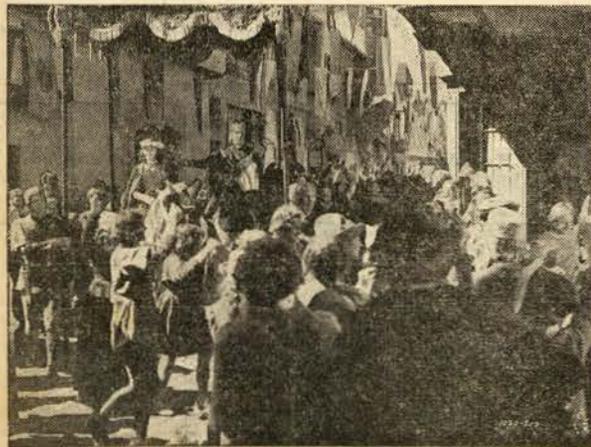
Pois esperamos que continuem a honrar-nos com a vossa estima, e com o vosso incentivo, que é tudo quanto reclamamos como prémio desta tarefa que empreendemos em prol da cinematografia, usando os processos mais claros e mais directos,—e que é bem mais ingrata e difícil do que pode parecer.

Infelizmente, o preço, agravadissimo nos últimos tempos, de todas as matérias primas que entram na composição do nosso jornal (papel, tintas, cobre, zinco, etc.), força-nos a subir excepcionalmente para esse numero de 36 páginas, com capa a duas cores, o nosso preço de venda avulso. O Numero de Natal de «Animatógrafo» custará 2\$50.

Mas todos os assinantes — inclusivamente aqueles que se inscreverem até sábado, 21 de Dezembro, receberão o nosso Numero incluído dentro do preço da assinatura, isto é: custar-lhe-á apenas, tal como os outros, 1\$50.

A avaliar pela procura habitual do nosso semanário, aconselhamos vivamente os leitores a reservarem nas tabacarias onde costumam comprar o «Animatógrafo» o nosso Numero de Natal.

## Uma reconstituição histórica rigorosa: «A TORRE DE LONDRES»



A grandiosidade, a espectacularidade e a magnificência, a bravura e o heroísmo, a par dum rigor histórico que não é frequente, são algumas das características que possui «Tôrre de Londres», o magnífico filme da Nova Universal que Filmes Alcantara apresentarão ainda esta época



«A Tôrre de Londres», em que milhares de figurantes rodeiam alguns nomes prestigiosos do cinema americano, entre os quais se contam Basil Rathbone, Ian Hunter, Vincent Price, Boris Karloff foi dirigido com desusada amplitude e segura competência por um grande realizador — Rowland V. Lee

# O que se passou na sessão solene do SINDICATO Nacional dos Profissionais de Cinema em que Jean RENOIR foi eleito sócio honorário daquele organismo

(Continuação da pág. 3)

se encontra no apogeu da sua vida e da sua expressão. Mas está vencido de que o filme latino seguiria impôr-se — no dia em que se estabelecessem as bases de colaboração e intercâmbio, que de agora em diante reger os destinos da cinematografia europeia.

— De dia para dia, continuou Renoir, o cinema torna-se mais caro. Esse aumento de custo de produção não tem uma contra-partida

que os filmes destes países interessem, por sua vez, os mercados dos outros. De contrário, o seu custo não poderá ser amortizado!

«Estou convencido de desta guerra — continuou o grande realizador francês — sairá enfraquecido o poder do dinheiro. E então, com a boa vontade de todos, poderemos tornar realidade o que hoje nos parece sonho. Pela minha parte vos garanto que, logo que regresso a França, envidarei todos os esforços no sentido de conseguir que os filmes portugueses passem nos cinemas do meu País!»

Uma nova salva de palmas coroou as palavras de Jean Renoir que abraçou comovidamente o Presidente do Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema.

## Uma sugestão de Renoir — A união do Cinema Latino

Antes do encerramento da sessão, António Lopes Ribeiro usou novamente da palavra para dizer o seguinte:

— Todos os que me conhecem sabem que eu não costumo deixar cair em cesto rôtos os alvitres ou sugestões que interessam ao futuro da Cinematografia Portuguesa. Por coincidência, acabo de receber esta manhã uma carta de Manuel Augusto Garcia Viñolas, chefe do Departamento Nacional de Cinematografia Espanhola, que está levando a cabo, com uma consciência e inteligência fora do comum, a tarefa de orientar e desenvolver o Cinema do seu País — carta onde diz que, dentro em breve, tencionava vir a Lisboa. Encontra-se também em Portugal, o sr. Rudolph Monta, figura proeminente da cinematografia europeia, que poderá representar a Roménia, numa troca de impressões preliminares pa-

ra a constituição daquilo a que chamaremos, por agora, a União do Cinema Latino, Jean Renoir, que representaria a França, acaba de me dar o nome de um dos seus íntimos amigos, a quem vamos escrever, no sentido de solicitar a sua opinião, como representante da Itália: o sr. Luigi Chiarini, director do Centro Experimental de Cinema, da Cine-Città.

Não me parece difícil, pois, desde já, promover uma reunião para efectuar uma troca de pontos de vista entre representantes dos cinco países latinos da Europa, no sentido de conjugar todos os esforços para uma ampla colaboração nos domínios cinematográficos. A sugestão de Jean Renoir vai, deste modo, tomar forma — e se outras razões não tivéssemos para nos felicitarmos por o ver entre nós, esta bastaria para considerarmos pouquíssimo — o pouco que temos feito por ele.

E com palavras de congratula-



ção de Octávio Bobone, pela forma como decorreu a sessão a que presidiu, terminou esta festa, que honrou a colectividade que a realizou e a Direcção que a promoveu.

FERNANDO FRAGOSO

## CARTAS DUM CINÉFILO

Conceituado director:

Tenho uma grande novidade a dar-lhe. Finalmente que sou um inventor e ninguém pode duvidar do meu saber sobre matéria cinematográfica. Já sei tanto disto como o senhor e os outros três realizadores portugueses. Já sei fazer um filme e não tarda muito que eu não esteja no sindicato como realizador. Em dois dias aprendi tanto como os cineastas portugueses em muitos anos de proforado estudo! E sabe com quem aprendi? Com o sr. Jean Renoir. Fui ao S. Luis e ao Instituto Francês ouvir as conferências que ele fez a explicar como se fazem fitas. Fiquei sabendo tudo. Só o que tive pena foi de não saber francês para perceber o que ele disse.

Por hoje não o enfado mais Cinéfilo às ordens

*Ignácio da Purificação*

P. S. Com que então o sr. Fernando Barros que foi para o Brasil casou e faz fitas. Tal e qual como o meu pai que casou e, desde então, já lá vão trinta e tal anos, nunca mais deixou de fazer fitas, com a mulher dele, que por tal sinal é minha mãe. E deixe que lhe diga. Esta tendência que eu tenho para o cinema é de família como o sr. vê. Sim, porque a minha mãe, garanto-lhe, que dava uma contra bestial.

Estou ansioso por ver o novo filme português, «Pórtio de Abrigos». Dizem que é um assunto novo no nosso cinema e daí o meu interesse. Porque eu acho que a gente deve absolutamente variar de motivos. Deviam-se fazer fitas de outras qualidades, excepto filmes de terror. No cinema português alguns realizadores, já têm filmes que causam terror e o êxito tem-se visto. Estou cheio de esperança no novo realizador sr. Adolfo Coelho, mas acho-o um bocadinho vaidoso e isso é mau. Anda para aí todo inchado que parece que a fita já se exibiu e agradou. Também ouvi dizer que o sr. Artur Duarte vai realizar outro filme.

Como ele fez «Os Fidalgos da Casa Mourina» a época e resultou vou-lhe dar outra ideia que a mim me parece boa. Era fazer a «Morgadinha do Val Floris» também à época e devia ser em cheio e se não fosse também não deve haver raciocínio da arte do sr. Artur Duarte, porque o sr. Boto já fez da «Morgadinha» uma opereta e ninguém lhe bateu.

E como digo acho a ideia excelente e, ainda com esta vantagem. O papel da Morgadinha, a rapariga desvalhada que monta a caralo, chucha ao pintor não liga nenhuma à etiqueta, enfim, o verdadeiro diabo de salas, parece que foi escrito de propósito para a D. Tereza Casal. E pouco terá que alterar no enredo para parecer dos nossos dias.

O pintor passava a ser um arquitecto, o capitão pôde ser um sargento da guarda-fiscal, etc.

Estou convencido que o sr. Artur Duarte se saia bem da empresa e se não saísse, como faz tenções de voltar para o Brasil depressa esquecia...

I. DA P.

P. S. ao P. S. Pensei melhor e já não dou a ideia ao sr. Artur Duarte. Dou-a antes ao sr. Armando Miranda, que transforma a Morgadinha em «Padeira de Aljubarrotas», que isto de fazer fitas, para ele é pão.

I. da P.

## Se vai ao cinema há 10 anos ou mais, inscreva-se no «Clube do Animatógrafo»

A inscrição é GRATUITA. Basta escrever um postal para a Rua do Alecrim, 65, Lisboa, indicando o NOME, a PROFISSÃO, a MORADA e declarar que vai ao cinema há, pelo menos, dez anos, desde 1930

# À procura dum título português para «Mister Smith goes to Washington»

## UMA CARTA DE ANTERO FARO

Embora a «isca» dos 500 escudos bastasse para justificar o entusiasmo dos leitores de «Animatógrafo», a verdade é que excedeu largamente toda a expectativa o êxito do nosso concurso, organizado de acordo com a Aliança-Filmes, para escolha do título português do novo filme de Frank Capra «Mister Smith goes to Washington». O prémio prometido dava-nos a certeza de que muita gente concorreria. Mas tínhamos algumas dúvidas sobre os resultados práticos do concurso — isto é, recebíamos que, embora aparecessem muitos concorrentes, não fossem propostos «bons títulos». Ora podemos já nesta altura dizer que os nossos leitores souberam salvar o concurso de semelhante fiasco. Daqui lhes enviamos muitos parabéns e os nossos agradecimentos por terem sabido honrar a confiança que neles depositámos. Convm esclarecer que não há qualquer contradição entre esta confiança e as dúvidas ou receios atrás aludidos. De facto, por maior que fosse a nossa confiança, um certo cepticismo era de rigor visto não ignorarmos que é um tremendo bico de obra encontrar um título adequado a um filme que não se viu e do qual apenas se conhecem as linhas gerais do argumento e as intenções e estilo do seu autor. Antero Faro começa a sua carta-resposta que publicamos na íntegra nesta página salientando exactamente essa dificuldade. Mas ele logo demonstra a seguir que não há dificuldades quando se dispõe de intuição, de engenho, de espírito e de inteligência — sugerindo com admirável facilidade uns poucos de títulos «possíveis». E muitos outros concorrentes praticaram idêntica proeza!

### Reflexões sobre algumas respostas

Poucos foram os concorrentes que se limitaram a apresentar um único título. Quasi todos propõem três ou quatro, muitos indicam oito ou dez e houve até um que enviou uma lista com trinta e sete! A avaliar por tamanha imaginação deve tratar-se dum português cem por cento, latino sem mistura! Bravo!

Duma maneira geral pode dizer-se que raros foram os concorrentes que não compreenderam — não diremos o objectivo do concurso, mas o que era necessário para conquistarem probabilidades de o ganhar. Assim, appareceu um que propôs, serenamente: «Eu não vim da Lourinhã!» E' natural que esse concorrente tenha «um caso pessoal» com aquela simpática vila estreminha — mas nós não temos nada com isso, e o filme de Capra ainda menos, se é possível. Outro sugeriu: «Julgavam que eu era «trouxa» e «Eu cá não fui na conversa». Ora por mais simpatia que se tenha pela linguagem pitoresca e popular, deve compreender-se

Meu caro Director:

Descobrir um bom título para um filme que se não viu é tarefa tão advéncia como inventar uma alcunha para um senhor de quem sabemos apenas que é americano, alto, vagamente canajo e que possui o narizinho mais angélico deste mundo...

As alcunhas são como as caricaturas — não devem dar-nos somente a sugestão da forma. Devem, acima de tudo, revelar-nos a psicologia da pessoa visada. De contrário não são alcunhas — são nomes próprios... ou impróprios, consoante as circunstâncias!

Os títulos são como as alcunhas: — esse não dizem nada, são simples etiquetas, vazias de sentido, por melhor que soem.

Nesta conjuntura, só por acaso (isto é uma conjectura minha...) se poderá arranjar um título para o filme de Frank Capra.

Mas, pergunta a minha curiosidade, um filme de Capra necessita, na verdade dum título? Não lhe basta esse nome, um número, um simples rótulo ou etiqueta para que sirva apenas para o diferenciar dos seus outros filmes?

Se basta!...  
Eu julgo até que é demais...

«O sr. Smith vai a Washington por ter sido eleito senador, graças ás malas-artes dum político e dum magnate da Imprensa...»

#### CACIQUES AMERICANOS

que esperam dispôr d'ele como dum...»

#### BONECO DE PALHA

ou

#### UM POBRE DIABO

ou ainda

#### CABEÇA DE TURCO

«E' fácil imaginar o desenvolvimento da história, especialmente se se acrescentar que o jovem senador se revolta contra os seus protectores...»

que os cartazes dos cinemas não são sitio onde se escreva em calão. Já bastam os das revistas...

Alguns leitores mostraram preferir, ou pelo menos inclinaram-se para um género de títulos anodinos e inexpressivos, infelizmente mais vulgares do que seria para desejar — em Portugal como no resto do Mundo. Referimo-nos a essas fórmulas estereotipadas, quasi sempre completamente vazias de sentido, que podem por vezes parecer pomposas e bem soantes mas que nunca tem carácter, incisão, personalidade. Como regra geral, essas expressões runca dão títulos, verdadeiros títulos — são apenas rótulos. Alguns exemplos: «Nova Aurora», «Chegou, viu e venceu», «A caminho do triumpho», «A revolta da consciência», «Servir para vencer», «A vida é uma festa».

Apareceram também alguns concorrentes que não ponderaram devidamente certas exigências técnicas ou formais do que seja um bom título. Por exemplo: quanto ao comprimento. Se pode compor-se um bom título com quatro ou mesmo, cinco palavras, desde que a sua pronúncia seja fácil, rápida e musical — já o mesmo não succede com frases mais compridas ou cuja

dição não possua aqueles predicados. Assim: «Contra os políticos de algebeira», «Dois pescadores de águas turvas comidos pelo peixe», «Escuteiro na provincia, Senador em Washington», «Acima de tudo a verdade».

E' evidente que fazemos estes reparos com a intenção de orientar os nossos leitores, não só com vista a hipotéticos concursos semelhantes, mas até no desejo de melhorar e formar o seu gosto, duma maneira geral. Não devem pois melindrar-se com as nossas observações.

#### O pelotão da frente

Muitos concorrentes, na louvável aspiração de se aproximarem o mais possível do título original e a exemplo de outros títulos célebres — e excelentes — como «As Aventuras de Tom Sawyer», «Adeus, Mr. Chips!», «Andy Hardy apaixonado», etc. propuzeram alguns belos títulos em que se fala no protagonista do filme — Mister Smith —, nome que simboliza o americano médio, e a que corresponderia em português ao sr. Silva, ou até «Zé Povinho». Eis alguns desses títulos concorrentes, respigados entre os melhores: «A revolta do sr. Smith», «O incorruptível sr. Smith», «O valor de Mr. Smith», «Mr. Smith senador à força», «Mr. Smith em calças pardas». Outros concorrentes escolheram para se habilitarem aos 500 escudos um tipo de frase, dife-

#### FEITIÇO CONTRA O FEITICEIRO

«ele é um rapaz cheio de nobreza...»

#### NOBREZA AMERICANA

«...não compreende a politica sendo como um meio de servir o...»

#### BEM COMUM

ou

#### UM HOMEM AS DIREITAS

ou ainda

#### GLÓRIA AO SR. SMITH

«O episódio capital do filme mostra o combate decisivo travado por Smith contra os seus inimigos em plena sessão do Congresso dos Estados Unidos...»

#### PEÇO A PALAVRA

ou, melhor,

#### PEÇO A PALAVRA, SR. PRESIDENTE

Pois também eu peço a palavra, senhor presidente do Sindicato!... — Se o politico e o magnate armaram todo este mistifório, certamente

#### JUNTARAM-SE OS DOIS A ESQUINA

(que grande títulos, se não existisse o tal pudor...) convencidos que levavam a água ao seu molinho visto que o senador

#### PARECIA PARVO

Mas enganaram-se redondamente. Eu é que não me engano se afirmar que o melhor título para o novo filme de Capra é

#### UM DIA ACONTECEU

porque esta laracha de políticos, magnates e dum homem ás direitas se não aconteceu lá, aconteceu cá, vela certa...

N. B. — Os quinhentos, e paus devem ser enviados, quanto antes, para a Rua Capitão Ramires, 4, 1.º, Dt.º.

ANTERO FARO

rente — e não nos parece que tivessem escolhido mal. Referimo-nos àquela género de expressões a que pertence «Não o levarás contigo!», o qual, quando as frases são bem torneadas, expressivas e incisivas, pode dar títulos excelentes. Eis alguns dos que appareceram — seleccionados entre os mais felizes: «Comigo não se brinca», «Quem manda agora sou eu», «Peço a palavra!», «Não farei o que me pedem».

Do tipo objectivo também surgiram alguns títulos com possibilidades: «Caciques americanos», «Um senador por dentro», «Um politico americano», «O escuteiro senador», «Um senador ás direitas».

São de notar ainda três outros títulos, sugeridos pela recordação e comparação com outros três filmes de Frank Capra: «Verdadeira Victória», «Um dia aconteceu» e «Não me levarei convosco».

Como vêem, os resultados do nosso concurso não podiam ser melhores — e ele ainda não acabou! Faltam já poucos dias para terminar o prazo para entrega das respostas — mas ainda estão a muito boas horas de ganhar os 500 escudos. A questão é apparecerem com uma boa ideia. Puxem pelo bestim! e percam o amor a dois tostões e meio! Pode ser um óptimo emprego de capital — o fóforo que gastarem a matutar no caso, e os cobres que esportularem por um postal. E além disso há que não esquecer a honra de baptizar um filme de Capra!

O prazo para a entrega dos títulos propostos termina na próxima quinta-feira, 19, ao meio-dia. Lembrem-se de que os 500\$00 só podem ser ganhos por quem concorrer!

# Vamos ouvir PINOCCHIO e o SR. GRILLO falar português!

O presente de Natal de «Rádio Filmes» aos meninos portugueses é a versão na nossa língua da obra-prima maravilhosa do grande Walt Disney

O Natal deste ano deve ser, para os cinéfilos, um Natal sob todos os aspectos memorável. Também eles vão ter o seu presente. Bem sabemos que os leitores estão a pensar: que vão ter o número especial de Natal do «Animatógrafo». É verdade. Mas há mais, ainda.

Todos os «meninos» e «meninas» das idades em que normalmente se vai ao cinema, isto é, dos 7 aos 70 anos, não terão vazio o sapato cinematográfico. Walt Disney, val vestir a casaca encarnada, distar-se com as barbas brancas de Pai-Natal e, por intermédio da R. K. O., apresentar em Portugal a versão falada em português de «Pinocchio». Sim senhores, nem mais nem menos!

O menino de madeira, o encantador «Pinocchio» que até a falar americano seria para os cinéfilos portugueses um grande brinde, será, depois de feito nosso compatriota, elevado à categoria de amigo inesquecível.

Vamos ouvi-lo a falar e a cantar na nossa língua e, por consequência, sentir mais profundamente as suas alegrias e os seus dramas. Vamos até escutá-lo a chamar pelo bom Gepetto, no fundo do mar, o que trará, para nós, esta interessantíssima novidade — ouvir pela primeira vez — falar português de baixo de água — milagre e novidade que só por si bastaria para aguardar, com invulgar interesse a prenda de Walt Disney.

Mas há mais aspectos que será bom, não esquecer. João Honesto — como tantos honestos, só de nome — também terá que servir-se, nas suas falinhas doces e convincentes, das palavras — que já fo-

ram, tanta vez, utilizadas no nacional conto de vigário. Gato Palerma na sua categoria de assistente de aldrabão vai ser, talvez, ainda mais palerma porque, evidentemente, não é capaz de dizer mais nesta versão do que na outra, e perder uma oportunidade assim, a única que teria na sua vida, de falar português — é uma palermice sem nome.

É certo que Cleo também não fala... A deliciosa e vaporosa «peixe» (porque diabo se havia de chamar peixe — à feminina e langorosa, Cleo?) contudo, vai pestanejar, abrir os véus, fechar os véus e beijar o nosso Gato. E um beijo da Cleo dado num ambiente em que tudo fala português vai parecer um beijo português dado por uma Cleo portuguesa o que é motivo evidente para ter mais inveja do feliz Gato.

Não sei se os gatos americanos reagem e agem como os gatos por-

tuguês; o Gato de Walt Disney vai fazer o mesmo, agora transformado em português, do que já fez quando era americano. Rigorosamente o mesmo porque a versão só difere no som. Mas há sons portugueses e americanos. Se notarmos alguma diferença depois diremos aos leitores — se os leitores não nos disserem antes.

Stromboli e o Cocheiro que já eram estrangeiros na versão americana, mais estrangeiros serão na portuguesa — porque não serão capazes de falar português, um português puro — sem o sotaque das figuras lendárias dos reinos mais — que o Cocheiro e Stromboli não serão capazes de perder.

Já o contrário se passa com Gepetto. É verdade que nós não vimos na Exposição do Mundo Português um fabricante de bonecos de madeira, bonecos animados como «Pinocchio». Mas também não é menos verdade que Gepetto podia muito bem ser português. E esta naturalização que vai sofrer não lhe fleará nada mal. Mesmo nada mal. Gepetto é parecido com uma quantidade de avozinhos, de «tios» que nós conhecemos. E a atestar as suas qualidades de português lá está aquela prova tremenda, insofismável do seu talento de nave-

gador e pescador — capaz de fazer carreira e vida até no estomago duma baleia.

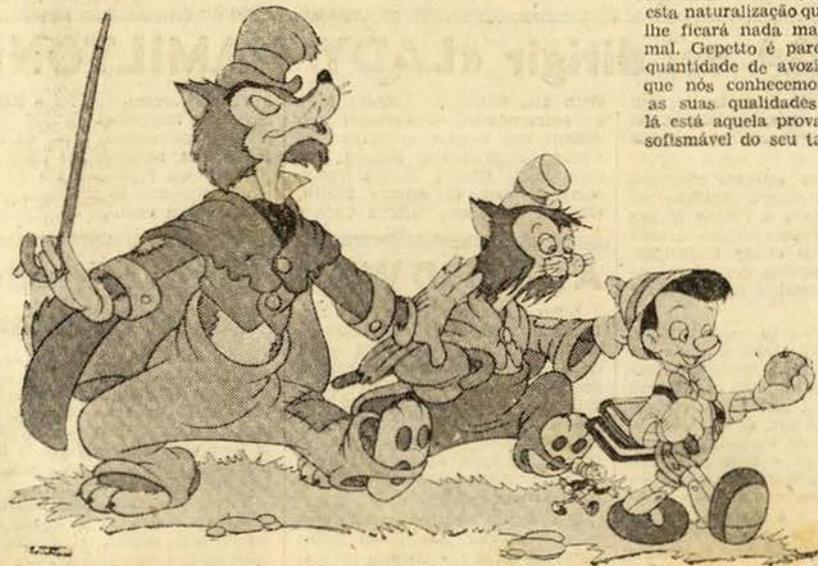
Não nos admirava nada que Gepetto ficasse por cá, pela Nazaré, pela Ericeira ou qualquer outro centro piscatório.

De tudo quanto a versão portuguesa de «Pinocchio» nos vai dar uma só figura nos deixa perplexos, sem saber que pensar. É o Melenas. Este rapaziño com a mania de imitar o Mickey Rooney e uma incógnita daquelas que não se resolvem do pe para a mão porque constitui um grande problema de psicologia. A falar americano não se podia avaliar bem, para dizer a verdade. Agora em português vai ser diferente; não é qualquer rapaziño português dos que fumam e jogam bilhar que consegue imitar o Mickey Rooney porque já teria sido contratado para qualquer fita nacional. E se não se disfarçar completamente atrás de Mickey Rooney — o Melenas vai revelar-se tal qual é: um rapaz que foi por maus caminhos e, como todos os meninos portugueses que vão por maus caminhos acabou em burro.

Guardamos de propósito para o fim o nosso Grillo. Consciência a quem foi dada a palavra na figura de Grillo-Homem, consciência de cartola e casaca, em americano não tinha nome a matar, mas tem em português um que lhe fica como luva: o sr. Grillo, não passa da alma errante do Conselheiro Acácio — de boa memória. Consciência que falava americano para muitos passou como uma consciência que como tódas dizia muita coisa que não se percebia bem. Agora tudo vai mudar — um Grillo-Consciência que fale português é um grilo que todos vão entender e por consequência apreciar nos seus devidos méritos.

Em resumo: principalmente a prenda cinéfila da R. K. O. vai caracterizar-se por dar nova verdade ao «Pinocchio» (pois tódas estas coisas em português aparecem sempre mais transparentes) e provar que em português também são possíveis coisas maravilhosas

PEDRO HOMEM



# NOTÍCIAS DE HOLLYWOOD

## RENÉ CLAIR vai dirigir nos E. U. A. MARLÈNE DIETRICH

Mais uma notícia sensacional vamos hoje dar aos nossos leitores, uma novidade que certamente muito alegrará os admiradores portugueses de René Clair. Não há muito ainda que, de passagem para os Estados Unidos, o vimos hospedado num dos hotéis da Costa do Sol, sinceramente preocupado com o presente e o futuro do seu país, tal como com os destinos do cinema francês, que ele desde o tempo do mudo tanto ajudou a acreditar.

Na sua simplicidade, a notícia é

esta — René Clair acaba de ser contratado pela Universal para a realização do novo filme de Marlene Dietrich!

O filme, que é o terceiro que para aquela empresa Marlene Dietrich interpreta, depois de «Cidade Turbulenta» (Destry Rides Again) e de «Seven Sinners», que foram dois grandes êxitos, intitula-se «The Countess of New Orleans», feito segundo um cenário do escritor húngaro Norman Krasna, autor igualmente do filme de Deanna Durbin «It's a Date». «A Condessa de Nova Orleans» terá a supervisão pessoal de Joe Pasternak, o director geral de produção daquela companhia.

René Clair, depois de durante dez anos ter regeitado as propostas dos produtores dos Estados Unidos, vai agora dar a sua contribuição, sempre valiosa, ao cinema americano. Schertzing, Ralph Murphy, Stan Wood, Louis King, Preston Sturges,



RENÉ CLAIR visto por CHENAL

H. Bruel, Humberstone, Lesley Selander, Mark Sandrich, Mitchell Leisen, James Hogan, Joseph Santley, Kurt Neumann, William A. Wellman, Henry Hathaway, etc.

## JEAN ARTHUR protagonista de «ARIZONA»

O novo filme da Columbia, de ambiente grandioso e de acção empolgante, que nos mostrará o empreendimento extraordinário com verdadeiros traços de epopeia que foi a conquista e o povoamento do Arizona, em pleno oeste americano, pelos pioneiros de 1890 em guerra aberta contra os índios e contra os bandidos que infestavam a região, intitula-se «Arizona» e o seu custo eleva-se a 2 milhões de dólares!

O filme, que nos dará em contacto com uma tempestuosa história de amor e nos pintará o drama duma época tumultuosa é interpretado por Jean Arthur, por William Holden, Warren William, Porter Hall, rodeados por uma multidão de 2.500 figurantes. «Arizona» foi realizado por Wesley Ruggles.

## FITAS NA FORJA

● **Maisie Was a Lady**, com Ann Sothern, Lew Ayres, Maureen O'Sullivan, Pita Johnson, C. Aubrey Smith, Edward Ashley e Henry O'Neill. Realização de Edwin L. Marin. Metro Galdwyn Mayer.

● **I Wanted Wings**, com Brian Donlevy, Ray Milland, William Holden, Wayne Morris, Constance Moore, Phil Brown, Harry Davensport, Richard Webb, Herbert Rawlinson, Hedda Hoper, Richard Lane, Charles D. Brown, Alan Hale Jr. e Hobart Cavanaugh. Direcção de J. Theodore Reed. Paramount.

● **The Saint in Palm Springs**, com Georges Sanders, Wendy Barrie, Linda Hayes, Terry Belmont e Paul Guilfoyle. Realização de Jack Hively. R. K. O. (Rádio Filmes).

● **Cheers for Miss Bishop**, com Martha Scott, William Gargan, Edmund Gwenn, Sterling Holloway, Dorothy Peterson e Donald Douglas. Direcção de Tay Garnett. United Artists. (Sonoro Filmes).

● **Where did you get that girl?**, com Helen Parrish, Charles Lang, Leon Errol, Eddie Quilan, Joe Brown Jr., Tom Dugan, Wade Boteler, Franklin Pangborn, Frank Mitchell, George Lloyd, Tom Hanlon, Joe Cobb, Stanley Fields, Tim Ryan e Thurston Hall. Realização de Arthur Lubin. Universal. (Filmes Alcântara).

## O elenco PARAMOUNT 1941

A Paramount, é uma das mais antigas empresas produtoras americanas, fundada nos tempos heróicos em que o cinema dava os primeiros passos no caminho dos filmes de entrecho, por quatro nomes que hoje ainda matêm o prestígio de outrora — o produtor Jesse Lasky, hoje independente, Samuel Goldwyn, Adolph Zukor, presentemente ainda à frente da sua companhia, e por Cecil B. De Mille, que, com pequenas passagens por outras empresas, se mantém também desde 1914 ligado à Paramount.

Esta empresa deu agora conhecimento do seu elenco, de que fazem parte quer no que diz respeito aos artistas, quer aos realizadores, nomes de grande categoria.

Entre aqueles contam-se Charles Boyer, Joan Blondel, Jack Benny,

Madeleine Carroll, Claudette Colbert, Jackie Cooper, Bing Crosby, Paulette Goddard, Allan Jones, Fred Mac Murray, Ellen Drew, William Boyd, Brian Donlevy, Betty Field, Joel Mac Crea, Ray Milland, Mary Martin, Dick Powell, Robert Preston, Melvyn Douglas, Frederic March, Barbara Stanwick, Basil Rathbone, Fred Allen, Dorothy Lamour, Preston Foster, Bob Hope, Patricia Morison, Richard Dix, Akim Tamiroff, John Howard, etc.

Para aparecerem também em um ou mais filmes, estão contratados pela Paramount, embora cedidos pela Fox e por Samuel Goldwyn, respectivamente, Don Ameche e Gary Cooper.

Dos realizadores trabalhando nos estúdios de Marathon Street contam-se Cecil B. De Mille, Victor

## IRENE DUNNE emparceira de novo com CARY GRANT

Irene Dunne, a simpática e talentosa actriz, e o magnífico actor que é Cary Grant vão, uma vez mais, aparecer juntos num filme.

Depois de «Com a Verdade me Enganas» e «Minha Mulher Favorita», que Lisboa acaba de ver, Irene e Cary vão interpretar para a Columbia, o filme que a Aliança apresentará em Portugal «Penny Serenade», dirigido por Georges Stevens, e em que aparecerão também Edgar Buchanan, Ann Doran, Beryl Vaughan e Ben Taggart, nomes novos que estão agora aparecendo com certa frequência nos filmes americanos.

## KORDA vai dirigir «LADY HAMILTON»

Depois de uma ausência de perto de doze anos, Alexander Korda vai fazer a sua reentrada nos estúdios americanos.

Korda, cujos estúdios londrinos de Denham a guerra paralizou, está dirigindo para a United Artists de que é importante acionista, uma nova versão de «Lady Hamilton», a história romântica dos amores de Nelson e da mulher de Alexander Hamilton.

Esta nova versão — a terceira, contando com a alemã, dirigida por Richard Oswald em 1924 e interpretada por Liane Haid e Conrad Veidt, e com a americana, realizada por Frank Lloyd, de que Corinne Griffith e Victor Varconi foram os protagonistas — é feita sobre um argumento de Walter Keish, o conhecido «escenarista» alemão, e de R. C. Sheriff, e é interpretada por um notabilíssimo grupo de intérpretes. Entre eles contam-se Vivian Leigh, a triunfadora de «Gone

With The Winds», L. Renée Oliver, o extraordinário Keithcliff do «Monte dos Vendavais», Alan Mowbray, Sarah Smith, Ronald Sinclair, Louis Alberni, Norma Drury, Martha Scott, C. Aubrey Smith, Georges Renavent, Gladys Cooper

e Victor Varconi, que foi o Nelson da versão americana de 1928.

Este espectacular filme da United Artists, representada entre nós pela Sonoro Filmes, é um dos de maior categoria do programa deste ano daquela casa.

## ALAN DWAN é o realizador de «Vigilants»

Allan Dwan, que foi um dos realizadores mais categorizados do cinema de há uns vinte anos — foi ele o encenador da grande maioria dos filmes do saudoso Douglas, incluindo o célebre «Robin dos Bosques», de que a S. I. F. nos vai agora apresentar a versão sonora — em determinada altura deixou de ter o seu nome anotado nos «créditos» dos cinemas.

Esse esquecimento foi agora, porém, reparado, pois Allan Dwan voltou agora à sua cadeira de realizador de mérito. Foi a Universal,

a companhia que os Filmes Alcântara representam entre nós, que lhe deu essa oportunidade, confiando-lhe uma das suas produções de maior responsabilidade, «The Trail of The Vigilants», de que já falámos a propósito da reentrada de Franchot Tone no cinema.

Esperamos, temos disso uma quasi certeza, que Allan Dwan não desmerecerá da confiança nele tão galhardamente depositada pelos dirigentes da Universal.

## TÍTULOS ILUSTRADOS



«MAIS FORTE QUE A LEI»

(Desenho de LEMOS)

# A FEIRA DAS FITAS

## «SOMBRAS DA RUA»

(Primrose Path)

Gregory La Cava disfruta em Hollywood duma situação completamente à parte, pois é dos poucos realizadores que conseguiu tornar-se também produtor, o que lhe permite fazer exactamente o que quer. Assim se explica a produção desta obra tão atildadamente fora da série. Esse carácter de excepção deriva em especial do tema tratado pelo argumento — uma história de áspero realismo, arrancada a certos aspectos desoladores da vida. La Cava porém, não tem nada de um naturalista, e por isso o filme contém uma verdadeira lição de optimismo, que é consubstantiada na figura de Ellie May, a protagonista — uma rapariga que consegue manter-se pura no meio da lama, por forma talvez um tanto inacreditável. Mas está aí a justificação do filme, isto é, se não existisse aquela intenção é essa figura não teria valido a pena fazer uma fita de semelhante história. É esta a diferença fundamental que separa este filme de certos outros — por exemplo, da «Era Humana», que era a adaptação de um romance do naturalista Zola.

A encenação de Gregory La Cava distingue-se por um cunho de autenticidade que sai completamente dos moldes habituais e que supomos deverá agradar em cheio a Jean Renoir, seu defensor encartado. Verificam-se por vários aspectos da realização que esse carácter de autenticidade foi deliberadamente procurado: basta citar o facto de terem sido filmadas ao ar livre muitas das cenas localizadas pela planificação ao exterior. Por exemplo: os episódios passados na estrada e na praia, os diálogos junto do barco de Ed, etc.

Voltam a encontrar-se neste filme as mesmas qualidades e características que sempre distinguiram as realizações de La Cava — um homem que só sabe fazer filmes fora do vulgar; segurança de direcção dos intérpretes, excelente marcação das figuras, notável pertinência de efeitos, óbvia sempre com os meios, mais simples e mais puros, objectividade total e impiedosa na apresentação de certas personagens; além disto, La Cava continua a não se esquecer do que deve ser o cinema sonoro e por isso mais uma vez se serviu habilmente do som como elemento dramático: quem ouviu o filme de certo reparou como foram utilizados o ruído da motocicleta de Ed Wallace (Joel Me Crea) e o silvo angustiante de um comboio que passa ao longe, no negrume da noite.

O filme acusa também a precipitação característica do estilo de La Cava, que é de certo intencional mas que não deixa por isso de ser discutível.

Alguns momentos da película têm direito a ser salientados, pelo seu qualite cinematográfico e pelo tom de espontaneidade e sinceridade que nelos encontramos; referimo-nos ao diálogo na estrada entre Ellie May e o velho Gramp, dono do restaurante — à cena na praia, quando Ellie May e Ed procuram ameiçoas — à correria na motocicleta — e a esses dois momentos adoráveis que se passam junto do barco: quando Ed deixa ver a Ellie May o nome que pintou na popa da embarcação (como Ginger Rogers mostra quanto essa revelação sensibiliza a pobre Ellie May!) — e a cena dos belos por baixo do barco, maravilhosa de naturalidade.

Ginger Rogers — desta vez totalmente divorciada da sua cabeleira loira e da fantasia doirada em que nos habituámos a vê-la na série das suas comédias musicais — desempenha o seu papel com a inteligência, a sensibilidade e a naturalidade de sempre.

Há na sua interpretação coisas verdadeiramente preciosas, como esse momento que citámos acima ou como

## QUADRO DE HONRA

Nos filmes exibidos em Lisboa na última semana, filmes que se enumeram por ordem alfabética, os críticos de «ANIMATÓGRAFO» chamam a atenção do público para o que nelos merece atenção especial.

«HOMENS SEM CORAÇÃO» (Aliança Filmes).

— O côro dos prêsos com o aparelho de rádio.

«MOCIDADE EM FUGA» — (Youth takes a Flight) Filmes Alcântara.

— A qualidade da fotografia devida a RUDY MATE.

— A originalidade das legendas de apresentação.

— A interpretação de FRANK JENKS.

«MAIS FORTE QUE A LEI» (Aliança Filmes).

— A orquestra de ANDRÉ KOSTELANETZ e a voz de TONY MARTIN.

«NICK E ESPÓSA, DETECTIVES» (Another Thin Man).

— As interpretações de WILLIAM POWELL, MIRNA LOY, ASTA e OTTO KRUGGER.

— A criação dos bailarinos RENÉ e STELLA na rumba.

— O truque que faz disparar a pistola com um curto circuito pela originalidade.

«O FEITICEIRO DE OZ» (M. G. M.).

— A ideia, a concepção, a realização e a interpretação de todo o filme, merecendo particular relevo:

— o desempenho de BERT LAHR (o Leão Medroso), de RAY BOLGER (o Espantalho) e de JUDY GARLAND (Dorothy);

— a fotografia, colorida ou não, de HAROLD ROSSON;

— a direcção musical de HERBERT STOTHART;

— as caracterizações de JACK DAWN, os cenários de CEDRIC GIBBONS, e as trucações de A. GILLSPIE.

«SOMBRAS DA RUA» (Rádio Filmes).

— O carácter de autenticidade dado por GREGORY LA CAVA à sua encenação.

— A utilização do som como elemento dramático.

— O desempenho de GINGER ROGERS (Ellie May), de QUEENIE VASSAR (a avó) e MILES MANDER (o pai).

— Os bons momentos da fotografia de JOSEPH AUGUST.

«VIAGEM SEM VOLTA» (One Way Ticket).

— As criações de LLOYD NOLAN e WALTER CONNOLLY.

— As direcções das cenas finais do filme (o côro policial).

as suas atitudes nas primeiras cenas do filme. Todos os outros intérpretes, muito bem, merecendo referência especial Miles Mander (num intellectual caído na mais miserável abjectação) e Marjorie Rambeau (Mamie Adams), e Queenie Vassar, que compõe um tipo inesquecível na velhota cínica, egoísta e amoral.

A fotografia, de Joseph August, é excelente, pela qualidade intrínseca e pela justa adaptação ao carácter das várias cenas. O estado lamentável da cópia exibida diminuiu porém tudo isto, em muitos momentos. Não se compreende que um laboratório deixe uma película naquele preparo, inclusivamente cheia de manchas de óleo. — D. M.

## «NICK E ESPOSA DETECTIVES»

«Another thin man»

Nick personagem célebre criada por William Powell numa inesquecível comédia policial que Van Dyke dirigiu, voltou pela segunda vez à tela, com sua esposa Nora. (Mirna Loy) e seu cão Asta — e, ainda, com um bebé, seu filho, a acrescentar à família.

Como já em anteriores fitas desta família detectivesca — origem de tantas famílias com a mesma mania — voltamos a assistir ao permanente humor com que marido e mulher encaram as mais diversas situações a sua mutua e inabalável confiança, a sua do Whisky do chefe, é a constante

preocupação de o protegerem que tem a respectiva cara metade.

A acção policial assenta num bem engendrado processo de cometer um crime e tem momentos curiosos; todavia, afasta-se dos bons clássicos das histórias de crime pois a necessidade de esconder os culpados levou os argumentistas a criarem uma série grande de complicações e a solucionar o caso com uma dedução em que a quasi totalidade dos elementos não tinham estado efectivamente presentes.

Quando a nós, no entanto, a acção policial e só um pretexto para apresentar a vida familiar de Nick, Nora, Asta e a curiosa e variada galeria de amigos que sempre apresentam. Al Powell, Mirna Loy e o realizador Van Dyke conseguem magníficos momentos dignos de enfileirar junto de outros de obras anteriores — pela graça e subtilidade da sátira e da interpretação.

E a propósito de subtilidade apontamos dois casos ainda, em que, nesta produção ela se apresenta um — a interpretação que Otto Kruger dá ao seu inspector Van com inflexões e olhares que são uma notável sátira ao tipo convencional do detective entendidos que usa o processo psicológico. Outro, dum género totalmente afastado — a rumba que René e Stella dois assombrosos bailarinos negros — dançam no club de Cuba e que é uma primorosa interpretação, cheia de sobriedade e delicadeza; dois bailarinos negros, a dançar uma dança que vulgarmente é agitada e provocante

acham uma solução de marcações a movimentos que pela beleza e novidade é surpreendente — F. G.

## «O FEITICEIRO DE OZ»

«The wizard of Oz»

Pode-se resumir numa só palavra a impressão que nos causou «O Feiticeiro de Oz»: Deslumbramento!

Deslumbrou-nos em primeiro lugar a fantasia da obra em todos os seus aspectos: concepção geral (e disso é responsável L. Frank Baum, autor do livro), solução de todos os pormenores, encenação, interpretação, música — tudo, enfim, foi focado pela varinha mágica da boa Fada Fantasia, essa feiticeira sem par que torna a vida suportável, neste Mundo de sofrimento, de misérias, de cavalheiros gordos e prosaicos, de notas de banco de almoços e jantares, de mercearias e de farmácias! Portanto, acima de tudo, deslumbrou-nos a grande parada de imaginação e poesia que o filme constitui.

Depois deslumbrou-nos a fantasmagoria das cores, a festa maravilhosa da luz na sua decomposição cromática. O filme se fosse a preto e branco seria funebre! Por isso foi acertadíssimo dar o prólogo e o final em sépia — e que sépia! Deslumbrou-nos a seguir a corajagem do produtor Melvyn L. Roy e da M. G. M. por terem arriscado o melhor de inventar mil contos no fantástico — inefável emprego de capital, espantosa atitude de postas!

Deslumbrou-nos também a grandezza, a audácia, a traça felicíssima dos cenários, que Cedric Gibbons desenhou. Deslumbrou-nos ainda a mestria das caracterizações, dum simplicidade e habilidade insuperáveis (bravo, sr. Jack Dawn!), a perfeição surpreendente da trucação a interpretação magnífica dos actores, a segurança admirável da realização cinematográfica, que foi assegurada por Victor Fleming — deslumbrou-nos tudo afinal.

Há coisas no filme verdadeiramente extraordinárias, quer no capítulo concepção, quer no aspecto realização. Citar todas é impossível; por isso apontaremos apenas as mais salientes. Assim: o formidável achado que constitui a solução encontrada para certas figuras, principalmente para o Espantalho, para o Homem de Lata e para o Leão Medroso (que Ray Bolger, Jack Haley e Bert Lahr encarnam respectivamente com a mais acabada compreensão do burlesco); a filosofia final do Feiticeiro de Oz e as formulas com que satisfaz os desejos dos três empreitadas; a pureza de encenação de todo o prólogo; a filmagem e montagem da cena do ciclone; a direcção musical de Herbert Stothart, justa mente premiada pela Academia de Hollywood; a ideia do silêncio total depois da sarabanda alucinante do tufão; a composição cénica — cenário, bailarinos (de Bobby Connolly), figurinos (de Adrian), canções — dos episódios passados no reino dos anões, especialmente a partida pela Estrada Amarela; o apuro da fotografia colorida ou não, de Harold Rossion; a graça, a voz e o talento de Judy Garland; o acerto e o espirito com que foram resolvidos certos pormenores, como o encontro de Dorothy com o Espantalho, o desenfezramento do Homem de Lata, o verão sobre o campo de papoilas, a materialização das maeleiras falantes, a morte por evaporação da Fada Mãe, etc., etc., etc. — e etc ainda!

Acima de tudo, porém, o público deve procurar compreender interessar-se, evadir-se com a fantasia intrínseca, essencial, da obra — pois é ela a verdadeira protagonista do espectáculo, a grande fada desta grande conto de fadas!

Merece referência especial o desenho-animado de Hugh Harman, admirável charge à espantosa orquestra de gaitas de belcos de Borrah Minevitch,

que vimos já em vários filmes da Fox, nomeadamente na «Rainha do Patina» D. M.

## «VIAGEM SEM VOLTA»

«One way tickets»

Os filmes que abordam casos de prisioneiros e vida das prisões parecem já não ter possibilidades de mostrar coisas novas. Dentro, porém, do conhecido e explorado que tem o tema, este filme consegue alguma coisa de curioso. Desta vez é a filha do comandante da prisão que se apaixona por um prisioneiro evidente e de bons sentimentos e, depois de o ter feito seu jardineiro, lhe dá a fuga e se casa com ele. Fugidos, quando numa pequena cidade tentam juntar dinheiro para poderem abalar para a América da Sul são descobertos pelos investigadores, chefiados pelo próprio pai da rapariga. A casa é espiada. E esta desgraça vem precisamente no momento em que um trabalho arrojado tinha dado ao rapaz o dinheiro de que precisavam para conquistar a liberdade. Os momentos de expectativa e em seguida de luta entre os dois esposos, que não concordam na atitude com que devem enfrentar a situação, são excepcionalmente conduzidos, contados com uma técnica sóbria mas muito eficaz de encenação e montagem.

Esta explicação é indispensável. Lloyd Nolan e Walter Connolly, dois actores de categoria, dão aos seus papéis uma sóbria interpretação, ambos com vigor, embora de marcas diferentes.

Todo o filme, que é duma maneira geral bem feito, é, no entanto, prejudicado pela antiguidade que, por vezes, é muito sensível, mais, apesar de tudo, nos fatos e arranjos das personagens do que no pormenor técnico em si. F. C.

## «MAIS FORTE QUE A LEI»

Tony Martin (não confundir com Nino Martin...) é um cantor de êxito de nomeada e foi o feliz marido de Alice Faye até há pouco tempo. É a sua voz agradável o principal atractivo deste filme em que há uma menina, que vive num excêntrico bairro de emigrados, indecisa entre o casamento com um milionário ou um rapaz pobre que tem como única fortuna a sua garganta.

O amor triunfa gloriosamente. O cantor é o eleito do seu coração e o parzinho abraça-se após uma emissão de trópicos em que temos o prazer de ouvir a orquestra de André Kostelanetz na interpretação originalíssima da famosa música brasileira «No tabuleiro da baianas. Só por isso aconselhamos a visão do filme. — A. F.

## «HOMENS SEM CORAÇÃO»

«Men without souls»

O nível técnico da produção americana corrente é sempre perfeito. Já se tornou até em lugar-comum fazer esta afirmação nas críticas. Mas é indispensável para as referências àquelas fitas que saem de Hollywood com o destino marcado de preencher o espectáculo dos cinemas sem preocupações de mais largos vãos. A gente assiste à exibição do filme, distraído com a anedocta exposta em imagens com clareza e valorizada sempre por um bom conjunto de intérpretes — e depois do sair do cinema... não se pensa mais nisso.

para nos referirmos à fita «Homens sem coração». O assunto pode não ser novo, mas a técnica salva-o e dá-lhe categoria de espectáculo que entretém, que agrada, e não se discute. É mais um caso passado nas prisões norte-americanas. Há presos insubordinados, ambientes angustiados e um sacerdote devotado inteiramente ao seu dever que tenta melhorar a vida dos criminosos da prisão.

Da realização de Nick Grinde, aponta-se um momento que sai da toada normal — o coro dos presos quando o padre lhes oferece música através do aparelho portátil de rá-

dio. Do desempenho, salientam-se Barton Mac Lane e John Lytel. Rochelle Hudson (por sinal a única mulher que aparece no filme) interveio apenas numa ou duas cenas. — A. F.

## «MOCIDADE EM FUGA»

«Youth take a fling»

Um rapaz passa a vida a sonhar com a vida marítima; quer correr mares, andar embarcado fazer cálculos com o sextante, tratar as estrêlas por tu e conhecer todos os portos do mundo. Uma rapariga vê o rapaz e acha que é ele o homem por quem o coração espera; mostra-lhe os dentes de cozinha, oferece-lhe prendas, tenta convencê-lo de que o amor tem

algo de fatalidade — de que quando se gosta a valer faz-se brotar o amor nem que seja duma pedra. O rapaz apaixona-se mas não se quer convencer. É um dia para fugir a tentações e ficar sempre fiel no Mar consegue embarcar. Embarca mas enjôa de tal maneira que é forçado a reconsiderar e a considerar o amor da rapariga como indispensável.

O rapaz é Joel Mac Creas; a rapariga Andrea Leeds.

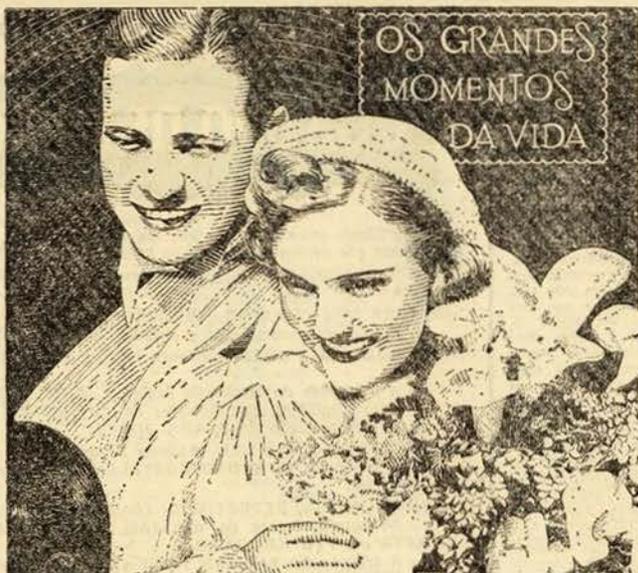
A história que não é muito rica não oferece margem para grandes vãos Archie Mayo, que a realizou, consegue, no entanto, dar às cenas finais, certo interesse e ritmo. Desde que o nosso emarinhado resolve fugir à viva força do amor até que, depois do primeiro ensaio aquático, se convence que o seu estomago pede só os bons peiiscos matrimoniais e não as con-

vulsões do enjôo a acção desenvolve-se com graça e boa técnica.

No conjunto da interpretação merece uma referência especial Frank Jenks — o chauffeurs de «100 Homens e Uma Rapariga» lembram-se? — que mais uma vez apesar da banalidade do papel revela as suas magníficas qualidades de intérprete.

A originalidade das legendas de abertura num capítulo em que ser original se vai tornando tão difícil quanto é fácil cair no pretensioso, é também digna de aplauso.

Toda a história é servida por magnífica fotografia, invulgarmente bem doseada e apropriada consoante a índole das cenas, mas notável sobretudo nas cenas do porto. Infelizmente não fixamos o nome do fotógrafo que a assina, do que pedimos desculpa aos nossos leitores. — F. G.



Do um  
**Ciné-Kodak Oito**  
os fará reviver  
logo... amanhã... sempre...



É o casamento de hoje, o baptizado de amanhã, os vossos passeios, todas as cenas da vossa vida filmadas por vós próprios.

Os dias passam, vossos filhos crescem, mudam os amigos. Guarde, pois, vivas lembranças desses dias... relembre os gestos, as atitudes dos que vos são queridos. Decida já: filmar com Ciné Kodak Oito não é caro nem difícil. Cada cena não custa mais do que uma vulgar fotografia. Peça-nos uma demonstração sem compromisso.

**CINÉ KODAK**

KODAK U. S. GARRETT, 33 LISBOA

8

# O Corriente do Bel-Tenebroso

AMIGO N.º 1 DO ANIMATOGRÁFO. — Evidentemente que o facto do nosso camarada de redacção ter feito o elogio da fantasia, não o libere de apreciar aqueles filmes humanos, de classe incontestável. Mesmo os que são românticos e até certo ponto convencionais, como *Intermezzo*, quando se impõe pela sua superior expressão cinematográfica, convencem os mais cépticos, quanto mais não seja como obras de arte. Nisto de cinema, de facto, há preferências que são como que uma questão de paladar. Se eu preferir peixe, por exemplo, o facto não me impede de amanhã me banquetear com um bom bife... E vice-versa... a comparação pode ser prosaica e materialista em demasia, mas no entanto não deixa de ser sugestiva, que é afinal o que se pretende... Sem ser irreverente, poderia também parafrasear um ditado célebre: se público como todos os géneros, o caso é sabermos dar-lhos...

ARMANDO PEREIRA. — Julguei a princípio, ao ver a tua assinatura, estar em presença do decano dos jornalistas cinematográficos portugueses, se bem que a omissão de Alberto central fosse suspeita... Mas a verdade é que me falas noutros filmes, que não pertenciam à programação da Columbia, e isso é indicação segura de que não és quem eu pensava. Mas não temas, amigo, pela desilusão... Já estou pronto a informar-te gostosamente e a dissipar todas as tuas dúvidas, se a tanto me ajudas o engenheiro e a arte! — Não tenho nenhuma indicação segura quanto à estreia de *Porto de Abrigo*. Mas tudo indica que seja ainda em 1940. — Escreve à Deanna Durbin para Universal Pictures, Universal City, Califórnia. — Qual é o próximo filme de Shirley Temple? Se calhar, nem ela sabe... Falso-se em que a Fox rescindiu o respectivo contrato, que os pais da vedeta a não deixam trabalhar, etc. No entanto, julgo não haver, por ora, nada de positivo.

ANTÓNIO FERNANDO DE MATOS MARELHAO. — A intérprete de *As Férias da Família Hardy* a que te referes é a Eleanor Lynn.

PRINCE MIKAIL. — Cá ficas inscrito, no número dos meus leitores. — O Director de *Animatografo* e os seus colaboradores agradecem as saudações amigas. — Transmitti as tuas sugestões e pedidos. Estou certo, de que, com o andar do tempo, umas e outros serão satisfeitos.

ETERNO GAROTO. — *Animatografo* deve ser considerado quasi como um milagre de boa vontade. Numa altura em que as revistas existentes lutam com sérias dificuldades para se manter, lançar no mercado uma publicação das proporções da nossa é um verdadeiro acto de audácia. Ainda bem que tu assim compreendes os factos. Todos nós gostaríamos de lhe dar, nas páginas interiores, papel melhor. Mas tenham a certeza de que, logo que as circunstâncias estranhas à nossa vontade, (que até agora impediram de o fazer) o permitam, *Animatografo* corresponderá a esses bons desejos. — Danielle Darrieux, actualmte, encontra-se em França. A simpática intérprete de *Abuso de Confiança* tem um contrato para a R. K. O., mas, até agora, ainda o não pôde cumprir, porque está ligada a outro contrato com um produtor francês. — Charles Trenet, os contratos do que os jornais franceses e portugueses noticiaram, não morreu. — Transmittirei à Administração o teu reparo referente à tardia chegada de *Animatografo* a essa villa. — Uma Garota sem Importância, já me escrevia, sim senhor. E gostei muito de tornar a ler uma carta dela. E, na realidade, uma rapariga extremamente simpática.

GARY COOPER EM ERMEZINDE. — Transmitti ao Director de *Animatografo* a tua carta. — Tenho o maior prazer em conversar contigo. Espero pois que me escrevas. — Este leitor pede-me que saude todos os con-

Mais uma vez damos duas páginas a esta secção, para avançar, na medida do possível, as respostas aos nossos consulentes

sulentes de *Bel-Tenebroso* e, nomeadamente, a gentilíssima Pollys.

BENJAMINA. — Quando quiser ocupar o lugar de minha secretária, não tem outra coisa a fazer que não seja apresentar-se ao serviço. A sua letra é ideal, para as minhas... Outro tanto se pudesse dizer da minha!... — O seu depoimento para o inquérito das Mulheres (V.), para disfarçar, pô-lo na boca duma sua amiga tem graça na verdade. Mas V. não pode saber como os homens esentem determinadas situações. Dai, tirar-se a eles, e falar da emão direitas e da esquerdas, como se elas, alguma vez, pudessem estar em equação, no nosso conceito. No entanto, compreendo o seu desabafo... Foi pena, na realidade, que o Carvalho Nunes não tivesse batido à porta. O depoimento seria sa sensações... — Transmito os seus cumprimentos a Donald, por estar sempre às bicadas a mim, para disfarçar. — Benjaminina retribui, os cumprimentos de *Deram-lhe uma espingarda* e lamenta não poder responder-se com *Exilado do Mondego*, mas o noivo é muito ciumento e não a deixa trocar correspondência com outra pessoa a não ser comigo, e isto porque sou invisível, imaterial e ininflamável...

BALALAIKA. — Não esperava encontrar sob tão harmonioso pseudónimo a minha gentilíssima leitora de outros tempos, que se assinava Uma Admiradora de Dick Powell! Tive pois

uma grande alegria em tornar a ler-te. — Transmito a I love Shirley Temple o teu brado de «Presentes! Como poderia ser de outro modo! Tu nunca poderás faltar... — Aqui deixo a pergunta endereçada ao leitor de Coimbra: Balalanka queria saber se recebeu o postal que ela lhe enviou, por intermédio de *Cine-Jornal*? — Transmitto a I love Shirley Temple e a *Deram-lhe uma Espingarda* os teus cumprimentos e saudações. — Escreve muitas vezes, e não tenhas o receio de magar...

UMA GAROTA SEM IMPORTANCIA. — Nada em ti mudou, na realidade! Salvo a cor da tinta, que agora é verde, como os olhos da Marianita, da quadra popular, que como sabes são verdes cor de limão. — Não posso ceder ao teu pedido, referente à minha identidade. Altos mistérios do Invisível!... — Mas um dia, no estáis dia, o saberás... — Gostaste de João Ratião, pelo que me dizes. Ainda bem. E sempre um prazer ouvir dizer bem dos filmes nacionais. — Não gostas de Charles Boyer?!... Não és da opinião de Pat Patterson... — Brevemente terás no *Animatografo* a foto de Gable, por que ansias. — «Havemos de conversar, um dia, sobre ser bem dos filmes nacionais. — Não parte O. K. With Me. — Esta leitora agradece e retribui as saudações amigas de *Deram-lhe uma Espingarda*.

CAVALIRO DE CAPESTANT. — Com todo o prazer, cá estou a rece-

ber-te do alto do assento etéreo onde subis... — Podes escrever a Deanna Durbin para Universal Studios, Universal City, Califórnia. Deanna costuma mandar retratos aos seus admiradores. — Escreve a Linda Miranda e a Madalena Sotto, por intermédio de *Animatografo*. Nós faremos chegar as cartas às suas mãos.

M. E. C. A. — Registo o teu aplauso à doutrina do artigo «Não tenham medo de ser cinefilos», de António Lopes Ribeiro. Não pode ser outra, aliás, a atitude dos verdadeiros amigos do cinema. — A época cinematográfica que está decorrendo ficará, sem dúvida, como uma das mais notáveis dos últimos anos. E se nos lembrarmos de que o mundo está em guerra, é caso para a recebermos como uma benção dos Deuses. — Escreve à Joan Bennett para United Artists Studios, 1040 Formosa Avenue, Hollywood, Califórnia; a Marlene Dietrich, para Universal Studios, Universal City, Califórnia; a Virginia Bruce, para Metro-Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia. — É melhor aguardar a oportunidade de poderes escrever, com possibilidade de êxito, às vedetas francesas.

DEANNEFILO. — Permite-me que discorde da grafia do teu pseudónimo. A meu ver, deverá ser *Deannófilo* (philo = amigo de), ou, se queres, por que está mais no ouvido *Deannófilo*. *Deannófilo* é que me não são bem. Só se queres rimar com *cinefilo*? — Vv., aí no Porto, podem considerar-se uns felizardos: já viram a Deanna, no I.º Amor de Gate Borvalheira. Quando o filme passar em Lisboa te direi o que penso dele. De lá já tu sabes... — Ignoro se veremos em Portugal algum filme brasileiro. O primeiro filme de Judy Garland foi *Todos os Domingos*, com a Deanna

## O QUE QUERE CANTAR ..

BEL-TENEBROSO não pode receber pedidos e ficar indiferente. Há semanas já que choviam cartas pedindo letras de canções de filmes, vindas de toda a parte e assinadas por leitoras e leitores do *Animatografo*. O nosso colaborador não parou. Até que resolveu o caso, e aqui apresenta hoje os primeiros resultados, aproveitando a oportunidade para pedir a todos os leitores que saibam letras de filmes o favor de lhes enviar... para outros cantarem — se quiserem, evidentemente!

### CANÇÕES DO FILME «IDILIO MUSICAL»

#### Don't monkey with Broadway

*Glorify Sixty Avenue  
And put bathrooms in the zoo  
But please, don't monkey with Broadway!  
Put big flood lights in the park  
And put Harlem in the dark  
But please, don't monkey with Broadway  
Though it's tawdry and plain  
It's a lovely old lane  
Full of landmarks galore  
And memories gay  
So move Grant's tomb to Union Square  
And put Brooklyn anywhere  
But please, please  
I beg on my knees,  
Don't monkey with old Broadway!*

#### I am the captain of this boat

*I am the captain of this boat  
She's my concern, from stem to stern.  
I am the skipper of this yacht  
What it entails, with its sails, I've got.  
So if you'll only be my crew  
We'll sail across the bounding blue  
And under the stars we will sleep.  
Rocked in the cradle  
Rocked in the cradle of...  
Rocked in the cradle of the deep!*

#### Between you and me

*Between you and me, you're something spectacular.  
Between you and me, you're a prize.  
Between you and me, to use the vernacular.*

*You've got what they call «oomph» in your eyes!  
Till I make you mine,  
Your heart I'll bombard to get  
No matter how hard to get it may be  
So why not combine,  
And chuck the formality  
Between love and between you and me!*

#### I've got my eyes on you

*I've got my eyes on you,  
So best beware where you roam  
I've got my eyes on you  
So don't stray too far from home.  
Incidentally, I've set my spies on you.  
I'm checking on all you do from A to Z.  
So, darling, just be wise  
And keep your eyes on me.*

#### Begin the Beguine

*When they begin the Beguine  
It brings back the sound of music so tender.  
It brings back a night of tropical splendour,  
It brings back a memory ever green.  
To live it again, is past all endeavor,  
Except when that time clutches my heart...  
And there we are, swearing to love forever  
And promising never, never to part.  
What moment divine, what rapture serene?  
Till clouds came along to disperse  
The joys we had tasted.  
And now when I hear people curse the chance that  
was wasted  
I know but too well, what they mean  
So don't let them begin the Beguine!*

# O Corriero de Bel Tenebroso

Durbin, um short em 2 partes. A Metro ficou com a Judy, e deixou fora a Deanna. Hoje está arrendidíssima de não ter ficado com as duas... — Obrigado pela actividade que me dizes estar desenvolvendo, no sentido de divulgares Animatógrafo entre as pessoas das tuas relações.

**GRANDE AMOROSA.** — O teu pseudónimo deixou-me assombrado! Breve verás Tyrone Power na separata de Animatógrafo.

**RENE.** — Muito simpática a sua carta. Agradecemos-lhe as suas boas palavras. — O seu desejo já foi satisfeito. Espero que a Alice Fayte que publicámos a tenha entusiasmado.

**HERMES.** — Estou muito satisfeito com o facto de Animatógrafo te continuar a agradar, da primeira à última página. De resto, essa é a opinião de todos os outros leitores. — *Pinochio*, tecnicamente, é muito superior a *Branca de Neve*. Mas, como espectáculo, entre os dois filmes, prefiro o último. Estamos de acordo, como vêst! — Entre o cinema francês e o americano, eu tenho uma opinião muito pessoal, que não quero, de modo algum, que Vv. perflitem; entre um bom filme francês e um filme americano regular, prefiro o último. Porquê? Teria muito que te dizer, e o espaço não chega. «Mas sa bon entendeur»...

**DUQUE DE WEST POINT.** — Muito gosto em reier-te ao Arquivo os teus desejos de que Animatógrafo tenha uma vida tão longa, e que possas ainda assiná-lo, quando os teus netos forem uns homensinos... — Além de *Pinochio*, *O Monte dos Vendavais* e *A Verdadeira Glória*, que me dizes não ter visto, não sei de nenhum outro aconselhável, na presente temporada, e anteriormente à publicação de Animatógrafo. Dos que vieram após esta data, não falo, pois que a crítica da nossa revista é quanto te basta para que te possas orientar. — Como terás enje de comprovar, as respostas não demoram tanto tempo, como dantes.

7. — A tua carta deu-me muita alegria. Conheço a letra lindamente, mas não estou bem certo no teu pseudónimo. Para comprovar se me enganou ou não, teria que percorrer a correspondência do Cine, o que me iria ocupar muito tempo. Prefiro, pois, que me tornes a escrever, a do Pórtio, no mesmo papel azul, lavrado, e que ponhas por baixo o teu pseudónimo, para ver se eu, como espero, identifiquei, na realidade, a tua letra. Valeu?

**MR. SATANAZ, REPORTER FANTASMA.** — O teu pseudónimo parece o título dum filme em séries, de 1916... — Julgava, então, que *Bel-Tenebroso*, houvesse morrido. Que desconsólo, amigo. E eu que me supunha imortal!... — Seja como for, aqui me tens, pronto a responder-vos. Agora, fantasma amigo, não te demores a escrever-me.

**UM LOUCO SONHADOR.** — Hello, boy! «Que impressão me deixou a tua primeira carta?» Uma impressão cem por cento desvanecedora. Durante muitos dias, não pensei noutra coisa!... — Não creio nessa apregoada rivalidade de Crawford e de Norma Shearer. Acho-a escantadas de mais, para ser verdadeira. — Para obteres uma foto da Rosalind Russell «deverás actuar (sirvo-me da tua pitoresca expressão) da seguinte maneira: escreves-lhe, para a Metro-Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia, e dizes-lhe, em português, pouco mais ou menos isto: «Menina Rosalind: gosto muito de si. Querera fazer feliz este seu admirador, enviando-lhe a sua foto autografada». Mas não assines *Um Louco Sonhador*, que ela pode assustar-se...

**O APAIXONADO N.º 1 DE DEANNA DURBIN.** — Procuraremos publicar a foto da artista de que te con-

**Toda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA.**

sideras o apaixonado n.º 1s. Pelo que vejo, não tens a mania das grandezas... eu considero-me o apaixonado n.º 576.534, do sexto milhão, na Legião dos seus admiradores... — As condições de assinatura da nossa revista encontram-se patentes na primeira página da mesma.

**MICKEY ROONETE.** — Escreve a Elisa Carreira e a Maria da Graça, por intermédio de Animatógrafo. A nossa revista dará os passos precisos para que as cartas dos seus leitores cheguem às mãos dos destinatários. — Quanto à foto da Deanna deves dirigir-te, directamente, a Filmes Alcântara Ld., Cinema Odeón, Lisboa.

**TONY.** — São judiciosas as tuas impressões sobre os três filmes, recém-estreados no Pórtio, a que te referes: *Intermezzo*, *O Primeiro Amor de Gata Borracheira* e *Inimigo Invisível*. — Já sabia que a Deanna Durbin festejou no dia 4 do corrente mês os seus 18 anos. Recebi uma carta dela, a convidar-me para passar esse dia na sua companhia. Mas, infelizmente, não pude aceder ao amável convite. Ela foi tão simpática, coitada, que me disse que fugiria de Hollywood, para irmos os dois, só, passar o dia na Praia de Santa Mónica, que, como sabes, é a Caparica daquelas regiões... — Ignoro a razão porque os documentários a que te referes não foram ainda exibidos aí no Pórtio. — Raúl Faria da Fonseca aguarda a oportunidade de poder realizar *Planalto*. — O filme de Capra, *Mr. Smith Goes to Washington*, será apresentado, no decorrer da temporada, o mais tardar no princípio do ano.

**AMO UMA M. A.** — Será a Mary Astor? — Fizeste muito bem em escrever-me. — Não te posso responder a mais de três perguntas de cada vez. De contrário, haveria respostas que não teriam fim. Sendo assim, amigo, só te posso dar os nomes de três realizadores da longa lista dos filmes a que te referes. De *A Oeste Nada de Novo*, Lewis Milestone; de *Aventuras de Tom Sawyer*, Norman Taurog; de *Aventuras de Marco Polo*, John Cromwell. — Para a próxima vez me dirás de que filmes queres obter os nomes dos autores.

**OSWALDO DE SA.** — Muito simpáticos os bons esforços que tens desenvolvido no sentido de angariar

para Animatógrafo o maior número possível de assinantes e leitores. — Pensemos na tua sugestão, quanto às moradas de estrelas, por atacado. Os retratos da separata não têm margens para se aproveitar o tamanho integral do papel e podemos ampliá-los ao máximo. Na encadernação dos números, poderão remedar o inconveniente que apontas, colocando-lhe uma margem na parte que deverá ficar cobrada.

**CONDE AXEL DE FERSEN DA SUECIA.** — Podes escrever a Laraine Day para Metro-Goldwyn-Mayer Studios, Culver City, Califórnia. — Heddy Lamarr e Lana Turner devoraram-se, de facto. Agora, estou cheio de esperança, de que eles queiram reconhecer a experiência matrimonial comigo... Sonia Henie casou-me.

**GOSTO DE BELJOS.** — Podes adquirir os números de *Cine-Jornal* que te faltam nos escritórios da casa Bertrand & Irmãos, Trav. da Condessa do Rio, 17. Pede-lhos, num postal, que os mandem à cobrança, que é para ti a fórmula mais prática. — Este leitor deseja cartear-se com *Maria do Rosário*, *Ninon*, *Donald* e *Maria Isabel*.

**NINETE.** — Seja bem aparecido! E' sempre com alegria que recebo, nesta secção, uma nova leitora. — Estou que Animatógrafo lhe tenha dado completa satisfação. Espero agora que me escreva mais vezes para termos enje de conversar, como bons amigos que vamos ser.

**SWING-CINEFILO.** — A tua apresentação, acompanhada de tão memorizada descrição da tua pessoa, não podia ser mais completa. Cá ficas inscrito, no rol dos meus cuidados... — O cinema exerce de facto, uma poderosa sugestão sobre a imaginação de cada um. Não me lembro já de quem lhe chamou a máquina de fabricar o sonho. Compreendo, perfeitamente, que *Hollywood Hotel* te haja convencido de que a vida é um rosário de canções, e que os passos que nela damos são, na realidade, passos... de dança. O cinema é, na verdade, um mundo novo, por vezes o mundo ideal com que sonhamos, e sobre o qual nos debruçamos, ansiosos e deslumbrados, na ânsia de nos integrarmos e identificarmos com ele, em absoluto.

**REY... SEM TRONO.** — Não me surpreende que tenhas achado a Joy Hodges superior à Constance Bennett, sob o ponto de vista físico. No cinema, nem sempre as melhores actrizes são as mais dotadas, fisicamente, pela natureza. — Judy Garland aparecerá nesta temporada, pelo menos em três filmes: *O Feticheiro de Oz*, *De Braço Dado* e *Prosépios de Andy Hardy*. — Não penses em ver *O Doador*, na nossa tela. Onde vives tu? Na Lua?!

**ROMEU NO ALVITEJO.** — Tomei a liberdade de resumir o teu pseudónimo, tanto mais que não percebi bem a grafia da palavra que vinha a seguir ao Romeu. — *Pórtio de Abrigo*, ainda que não tenha outro mérito (que não é o caso!), impõe-se à nossa simpatia por ser uma reacção contra o sedicção tema do pitoresco rústico e da salotada, que tão explorado tem sido nos filmes nacionais. — Podes escrever em esperando à Dorothy Lamour, para *Pafamout Studios*, Hollywood, Califórnia.

**MANEJO.** — Podes escrever ao Jorge Brum do Canto para a Tobis Portuguesa, Alameda das Linhas de Torres, Lumiar, Lisboa.

**NINON.** — Encantado, com a promessa que me fazes de me escrever todas as semanas, uma longa carta. Que idade te dou? Metade da minha e mais cinco anos! — *O Passaro Azul* era incontestavelmente um filme curioso. As obras de fantasia, dum modo geral, não nos convencem completamente, quando nelas intervêm figuras de carne e osso. A expressão ideal da fantasia na tela é, inegavelmente, a da linguagem dos bonecos animados. — A franqueza é, fora de dúvida uma virtude. Mas nem sempre é possível dizer tudo o que pensamos. Estou como a Mãe do Andy Hardy: se dissesse tudo aquilo que sei, haveria guerra civil em Carvels... *Mutatis, mutandis*, se a franqueza fosse o *smot-d'ordres* na sociedade em que vivemos, assistiríamos, sem dúvida, a cenas de fazer parar o coração para me servir da frase de certo reclamista dum cinema de Lisboa... — Muito curioso o episódio que me conta, passado na escola com a sua professora. Parabéns, Ninon! — Madalena Sotto faz parte doutra companhia que se estreia em breve. Daí a razão de não estar à frente do elenco do *Miúdo do Terço*. — Os redactores de Animatógrafo agradecem os teus cumprimentos. — Saúde, em teu nome, *Conde Axel de Fersen da Suécia*, *Luz XV*, *Donald*, *Benjamin*, *Mab-Ilia* e *Maria Cotovia*.

**SEM AMOR.** — Reconheci a tua letra, quando a carta estava ainda na mão do carteiro! Viva, *Sem Amor*! Há quanto tempo não tinha a alegria de ler uma carta tua! — Espero que me escrevas, como dantes. Verdade, verdade, que já estava admirado do teu silêncio. — Impossível responder a cartas que ficaram dos tempos do *Cine-Jornal*. Tomara eu pôr em dia o correio de Animatógrafo! Mas não te desconsolo, *Sem Amor*. Se ficaste com alguma dúvida, cá estou agora para esclarecê-la!

**UM DESCONHECIDO.** — Muito simpática a tua carta. Vejo que todos os leitores compreenderam o que representa lançar uma revista como *Animatógrafo*, nos tempos difíceis que vão correndo! — Breve, começaremos a publicar letras das canções de filmes. As primeiras que aparecerem pertencem ao filme *Idílio Musical*. — Não duvido de que o *Primeiro Amor de Gata Borracheira* seja um filme muito agradável. Por mim, penso que quando ela está presente um filme constitui sempre e forçosamente, um espectáculo de seguro interesse!



O mesmo aparelho grava e reproduz, com espantosas facilidades e fidelidade, a voz humana, música, todos os ruídos, enfim: TUDO o que é preciso para transformar um filme MUDO num autêntico FILME SONORO!

**ESTABELECIMENTOS VALENTIM DE CARVALHO**

RUA NOVA DO ALMADA, 97/99, LISBOA

Telefone P. A. B. X. 2 1051.

Bel-Tenebroso

SENHA DE VOTO

Gostaria de ver publicados na «Galeria do Animatógrafo» os retratos seguintes:  
Actriz: .....

# ESTA É QUE É A GLORIA JEAN



## “ANIMATÓGRAFO” conta aos seus leitores a HISTÓRIA MARAVILHOSA do novo prodígio da UNIVERSAL (Filmes Alcântara)

Era uma vez uma menina que vivia contente e descuidada, com seus pais, numa cidadezinha mineira da Pennsylvânia, em Scranton. Tinha uns lindos cabelos de ouro, uns lindos olhos azues, da cor do céu, e chamava-se Gloria Jean Schoonover — um apelido em que andavam misturados o sangue inglês do pai e o holandês, da mãe.

Os Schoonover eram gente modesta, mas muito bem vista no bairro onde moravam. O pai vendia, por conta duma firma importante, instrumentos musicais. A mãe, como boa dona de casa, tratava do seu lar e cuidava da educação da sua pequenina Gloria.

E, ou fôsse porque o ambiente em que vivia para isso contribuisse, ou por vocação irresistível, a filhinha dos Schoonover, aos quinze meses — ela viera a este mundo a 14 de Abril de 1938, em Buffalo — deslumbrava todos os que a ouviam, pois cantava com uma graça, uma intenção e um timbre de voz invulgares para a sua idade, a canção «Little Annie Rooney».

Uma tão grande precocidade levou os pais a cuidarem carinhosamente da sua educação musical.

Uma bela noite, numa festa do colégio, apareceu no palco imenso do teatro, uma figurinha minúscula. Cantou uma vez; cantou duas vezes, e quando terminou a sua parte, uma ovação estrondosa, interminável, ecoou por todo o teatro. Nascera uma «prima-dona» de cinco anos!

Um ano depois, Paul Whiteman, o famoso e rotundo chefe de orquestra, passou por Scranton, e ouviu a pequena Gloria. E tão maravilhado ficou, que propôs aos pais um contracto vantajoso. Mas elles opuseram-se. Era muito nova ainda. Depois, os seus estudos não podiam ficar interrompidos. E para que elles tivessem o desenvolvimento indispensável Gloria foi com a mãe para Nova York. De novo uma óptima proposta a esperava — a da Companhia da Ópera Colonial. Mas uma vez resistiu.

Mas o que Paul Whiteman não conseguiu, nem tão pouco os dirigentes da Ópera Colonial, conseguiu-o o cinema — ou antes o produtor Joe Pasternak, da Universal. De Hollywood para a celebridade um único filme bastou — «The Underpup», que os Filmes Alcântara apresentarão com o título de «Traguina Querida». O êxito que alcançou em toda a América foi mais que um triunfo: uma verdadeira consagração! Em Portugal estamos certos de que outro tanto vai suceder a Gloria Jean!

JAIME DE CASTRO



# Animatógrafo

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO



**BARRETO POEIRA**  
É o actor de cinema portu-  
guês mais apto a interpretar  
papéis estranhos. O seu Fe-  
nente Delle em «Porto do  
Abriço» de Lisboa filme vai  
demonstrá-lo em absoluto.

ÊSTE NÚMERO CONTÉM 2 RETRATOS-BRINDE: JUDY GARLAND E MICKEY ROONEY